Um inverno rigoroso

Takashi Ishigami

Um inverno rigoroso

Takashi Ishigami

Takashi Ishigami

Um inverno rigoroso

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, comercialização e utilização
sem a autorização expressa do autor

São Paulo
julho de 2007

Sumário

Prefácio	5
Introdução	7
Duras e ternas lembranças	9
À procura de um caminho	14
Uma nova esperança	20
Manifestando o carma	25
Novos desafios	32
Desafiando o impossível	37
Momento crucial	43
Transformando o carma	50
Início da primavera	55
A grande vitória	63
Percepções	66
A prova real	68
Consistência do início ao fim	73
Mais um grande obstáculo	76
Aos iniciantes	84
Sobre o autor	88
Minha vida profissional	92
Carta de Satiko para Renato	106
Dedicatória	107
Posfácio I	109
Posfácio II	112
Pós-escrito	114
Agradecimento	118
Glossário	120
Bibliografia	121

Prefácio

Prefaciar este livro é uma grande honra, mas também uma enorme responsabilidade por se tratar de um trabalho de grande repercussão junto aos integrantes da Associação Brasil SGI (BSGI) e do público em geral. Trata-se, sobretudo, de um fato inédito na literatura médica atestado pelos eminentes médicos daquela época que não só testemunharam, mas cuidaram do paciente Renato Ishigami, filho do casal Takashi e Satiko, meus amigos.

Linfossarcoma é o nome desse terrível mal, incurável pela ciência médica, carma imutável pela visão budista

Fui testemunha desse dramático acontecimento junto com minha esposa. Marina, que me apoiou em todos os momentos. Não só testemunhei como participei e compartilhei desse drama familiar. Lutei sinceramente para ajudá-los a superar esse grande mal.

Guardo até hoje, dezenas de cartas que meu amigo me enviou na época, em decorrência da intensa comunicação que tínhamos durante os momentos mais desesperadores. Comprovamos inequivocamente o grande poder original, inerente na nossa vida – a Lei Mística – o *Nam-myoho-rengue-kyo*. Comprovamos também que somente nos momentos cruciais, o homem é capaz de extrair o potencial inato que cada ser humano possui – estado de Buda – revelado e incorporado por Nitiren Daishonin, mestre eterno da vida, no objeto de devoção, *Gohonzon*, cujo poder é capaz de redimir o carma imutável e, ou seja, o destino que cada ser humano possui e torná-lo feliz.

Ora, se a prática do Budismo de Nitiren Daishonin é capaz de mudar o destino de cada pessoa a sua propagação é um imperativo e desejável para criar uma era de paz e felicidade para toda a humanidade. Esse é o desejo de Nitiren Daishonin, o Buda original, cuja tarefa está sendo cumprida pela BSGI, e nós, membros dessa organização, fazemos dessa tarefa uma missão de vida – o *Kossen-rufu*.

Meu abraço fraterno aos amigos Takashi e Satiko, a quem dedico uma amizade sincera e aprendi a respeitar cada vez mais pela fibra, tenacidade e determinação, que lhes conferem uma grande dignidade.

Todos nós, esposa, filhos, amigos e membros da BSGI, nascemos nessa era de *Mappo*, junto com o presidente Ikeda, nosso mestre, para realizarmos o *Kossen-rufu* como *Bodhisattvas* da Terra que somos.

Tadashi Takiguti

Introdução

Desde criança nunca tive muita motivação pela vida. Vivia meus dias sem consistência de algo maior. Passei momentos tranquilos em minha infância. Não tinha grandes ambições ou procuras.

Meus pais foram uns dos primeiros imigrantes a chegar ao Brasil e, como todo os demais imigrantes, foram parar na lavoura. Meu pai era um homem culto e na época da Segunda Guerra Mundial, pelo fato de o Japão ser considerado um país inimigo e o Brasil ser aliado dos Estados Unidos, ele dava aulas de japonês aos jovens escondido, num local chamado Água Limpa, perto de Araçatuba. Em virtude da possibilidade de ser preso, meu pai abandonou a vida de professor e foi administrar uma grande fazenda.

Meu pai se chamava Yaiti e minha mãe, Tameyo. Ele da província de Fukushima no Japão e ela, da província de Guifu.

Tiveram sete filhos, cinco homens – Issao, Takashi, Tuyoshi, Satoshi e Sadamu – e duas mulheres, que faleceram ainda crianças. Meu irmão Issao faleceu recentemente, aos 78 anos de idade, em Recife, Pernambuco, onde, morava.

Meus pais foram sempre pobres, mas, com grande esforço, conseguiram dar uma educação aos filhos. Sadamu e Satoshi são arquitetos, Tuyoshi é engenheiro civil e eu, contador.

Passaram-se os anos, me casei e cheguei a ter uma posição social relativamente boa. Em casa, nada nos faltava, havia harmonia e

vivíamos na maior paz, sem problemas nem preocupações. Meu conceito em relação à vida, contudo não havia mudado. Apesar de tudo eu não era totalmente feliz. Sentia que faltava algo em minha vida. Acordar, trabalhar, comer e dormir. Todos os dias repetindo a mesma rotina o ano inteiro... Parecia que estava apenas vegetando. Talvez isso ocorresse porque não tinha objetivo algum em minha vida, a não ser criar os meus filhos.

Foi então que, em outubro de 1972, a rotina foi quebrada bruscamente quando meu filho Renato foi acometido de grave doença, a mais temida das enfermidades, o câncer.

DURAS E TERNAS LEMBRANÇAS

Certo dia, ao chegar em casa, após o trabalho percebi que a fisionomia de Satiko estava pesada e preocupada. Ela não esperou que eu perguntasse o que tinha acontecido. Chamou imediatamente o primogênito, Renato, que na época tinha 9 anos, e pediu que me mostrasse um nódulo que estava crescendo em seu pescoço.

Pedia a Satiko que se acalmasse, afinal não deveria de ser nada. Ela concordou e combinamos que observaríamos com cuidado o que aconteceria.

Infelizmente ela estava certa e suas preocupações foram confirmadas. Renato estava com febre, perdera o apetite e o nódulo ficava cada vez maior.

Três dias após a descoberta, levamos Renato ao médico para ser eaminado. A espera dos exames fora interminável. Olhava para Satiko e para meu filho e sentia um grande pesar. Tive uma sensação de frustração, um desconforto físico que era quase uma angústia.

Os resultados chegaram. O médico explicou que os exames de sangue acusaram uma alta taxa de glóbulos brancos (leucócitos), o que indicava uma reação de defesa do organismo para combater grave infecção.

Realizamos então, vários exames para detectar que tipo de infecção era aquela, desde caxumba, tireóide, toxoplasmose, linfadenite até de tuberculose, mas os médicos não conseguiam encontrar a causa e não chegavam a nenhum diagnóstico.

Acreditávamos que era apenas uma doença infantil e que logo nosso querido filho estaria bem. Duas semanas se passaram e Renato havia perdido dois quilos.

Sentia-me apreensivo, mas não demonstrava à Satiko, para não a preocupar ainda mais.

Após inúmeros exames, sem resultados, os médicos acharam que o melhor era extrair o nódulo para que fosse analisado. Essa decisão provocou um grande tumulto dentro de mim. Afundei-me em uma sensação deprimida e um calafrio percorreu meu corpo, os músculos de meu abdômem se contraíram involuntariamente e senti um medo profundo.

Fizeram uma biópsia e foi diagnosticado linfossarcoma[1] – câncer no gânglios linfáticos, três vezes mais agressivo que a leucemia.

Os médico deram-lhe um curto prazo de vida, de três a doze meses, porque, de um modo geral, a evolução da doença em criança é rápida e fatal. "Estatisticamente não existe no mundo casos conhecidos de sobreviventes dessa doença", afirmou o médico categoricamente.

A angústia e o desespero tomaram conta de mim e os dias que se sucederam foram um verdadeiro inferno. Ah, como senti saudades daquele dias monótonos de outrora!

Telefonei para meu cunhado, que havia se formado em Medicina, e perguntei-lhe sobre a doença. Ele respondeu-me secamente: "Salvar Renato é mais difícil que acertar na Loteria Esportiva sozinho."

Havia uma força tão devastadora em suas palavras que elas ficaram ressoando em minha cabeça. Não pude dizer nada. Alguns instantes se passaram.

"Por que você está sendo tão cruel comigo? Será que não tem um pingo de pena de um pai que está sofrendo uma dor como esta?", perguntei enraivecido.

"Como?" – disse ele. "Esta é a dura realidade. Não o quero iludir

I. Linfossarcoma ou linfoma é uma doença de caráter malígno que não tem cura. Acomete os linfonodos, ou gânglios, e se estende rapidamente através dos gânglios linfáticos para outros órgãos como baço, fígado, pulmões e rins levando o paciente rapidamente ao óbito.

para que não sofra ainda mais. Pais desesperados, ao ouvir o verdicto da medicina, costumam apelar para charlatões e curandeiros, que acabam extorquindo todo o seu dinheiro. E não desejo que isso aconteça com vocês."

Mesmo assim, orientou-me a procurar um dos mais conceituados hematologistas do país, Dr. M. J., professor de uma renomada universidade de São Paulo, que também não me deu esperança alguma. Ele apenas confirmou o diagnóstico dos exames que havíamos realizado e enfatizou que os possíveis tratamentos que existiam só prolongariam um pouco mais a vida do meu filho.

No dia seguinte, iniciamos o tratamento indicado pela equipe médica, a radioterapia. Durante um mês fomos todas as tardes ao hospital. A sala de espera, localizada logo na entrada do prédio de medicina nuclear, tinha aproximadamente 10x15m. Recebíamos uma senha, que era entregue pela recepcionista que ficava à direita da sala, e esperávamos a vez de Renato. O ambiente era frio e não recebia luz natural pela ausência de janelas. Havia cerca de cinqüenta cadeiras encostadas linearmente nas paredes do local. Normalmente esperávamos 45 minutos e, nesse tempo, meu filho conversava com outros pacientes que também aguardavam pela chamada.

Ainda guardo a lembrança de um jovem casal de recém-casados, que estava lá todos os dias. Magnum ficou muito amigo de Renato. Ele manifestara a doença logo após o casamento. Eles conversavam o tempo todo e meu filho sentia-se feliz e não via os minutos que passavam. A amizade deles crescia a cada encontro.Renato levava alguns jogos para desafiar Magnun enquanto esperavam a vez de serem chamados.

Um dia Magnun não apareceu. Renato perguntou-me o motivo de sua ausência. Sentei-me enquanto ele olhava para mim com a curiosidade de uma criança. Imediatamente respondi que ele estava curado e que não precisava mais fazer o tratamento. Por dentro meu coração chorava. A enfermeira acabara de me dar a notícia de seu falecimento.

A radiação durava cerca de 5 minutos e parecia ser algo inofensivo. Com o passar dos dias, vi o que estava acontecendo.

Meu filho sentia náuseas, não conseguia mastigar mais nada, seus cabelos começaram a cair e, após a terceira semana de tratamento, seu pescoço estava envolto por uma casca como se estivesse se recuperando de uma grave queimadura.

Os dias se passavam e não via melhora alguma no aspecto do Renato. Estava tão absorto naquele cotidiano infeliz que esquecia de me alimentar.

Nessa época, trabalhava num hotel e soube pela gerência que uma das maiores autoridades no tratamento de câncer, professor catedrático da Universidade de Houston, Texas, se encontrava hospedado lá. Ele viera para um congresso em São Paulo e era esperado pelos médicos brasileiros que estavam ansiosos para conhecer os novos avanços no tratamento contra este mal.

Senti uma grande esperança. Pensava que ele poderia em ajudar, que não era por acaso que ele tinha escolhido justamente o hotel onde eu trabalhava para se hospedar. Sem titubear, pedi ajuda ao gerente e, juntos, fomos conversar com ele.

O conferencista foi muito atencioso e gentil. Após me escutar por quase uma hora, pediu-me os exames para serem analisados nos Estados Unidos. Estava disposto a levar meu filho a Houston, para ser tratado e curado com o que havia de mais moderno naquele setor.

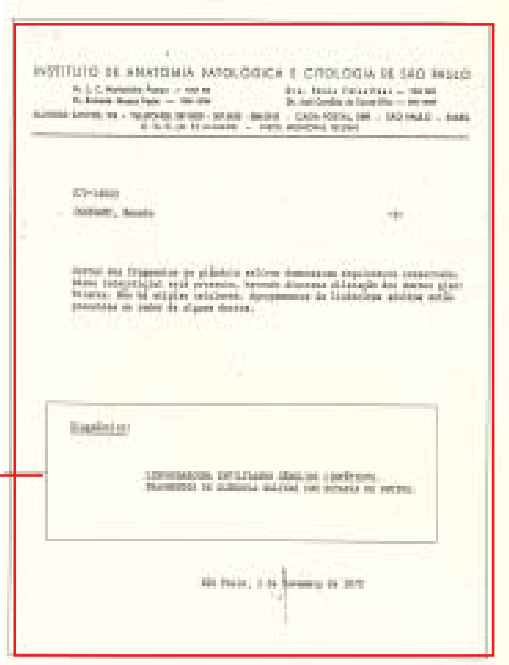
Quando estava me despedindo, numa voz abafada murmurou: “O senhor tem mais filhos?”

Aquela pergunta foi uma rajada em meu peito. Deixei-me tomar pela raiva. Caminhei e percebi que não me restava mais nada, a não ser chorar. E foi o que fiz.

Estava de mal humor e mergulhando em minha tristeza, quando, após duas semanas, recebi um envelope do Hospital M. D. Anderson, considerado um dos maiores centros de câncer do planeta, com cerca de seiscentos leitos. A resposta foi assustadora. A doença havia sido confirmada e de nada adiantaria levá-lo aos Estados Unidos, porque mesmo com a tecnologia mais avançada, em comparação aos recursos de tratamento brasileiros, não havia nada que pudesse ser aplicado à doença que meu filho portava. Como se não bastasse, o

Laudo médico de Renato (novembro de 1972)

Diagnóstico: Linfossarcoma Infiltrando gânglios linfáticos. Fragmentos de glândula salivar com ectasia de ductos.



relatório informava que a radioterapia a que o Renato estava sendo submetido só serviria para o prolongamento de sua vida; seria inevitável o aparecimento de outros tumores, inclusive nas regiões onde a radiação estava sendo aplicada. Concluindo o diagnóstico, o relatório afirmava que se fosse hodgkin, doença semelhante no sistema linfático, ele responderia melhor à radioterapia e à quimioterapia.

Com essa notícia percebi que a ciência, definitivamente, havia cruzado os braços diante daquela doença, mostrando-se totalmente impotente.

A angústia, a aflição e o desespero me invadiram e os dias que sucederam foram terríveis.

À procura de um caminho

Nesse período senti de maneira profunda a necessidade urgente de um Deus, de algo que pudesse me ajudar, salvar meu filho, me tirar daquela escuridão. Pensava: Já que não há esperança aqui na terra, quem sabe fora daqui. Mas será que Ele existe?

Desde a minha adolescência eu questionava a existência de Deus. Certa ocasião, acompanhei pela imprensa um incêndio de grandes proporções que ocorrera num circo no Rio de Janeiro. A lona em chamas veio abaixo e dezenas de crianças morreram carbonizadas. Pobres criaturas, puras e inocentes. Onde estava Deus naquele momento, se é onisciente, onipresente e onipotente – questionava indignado. A partir de então, tornei-me uma pessoa cética.

Como muitos brasileiros, era católico por tradição cultural.

Em minha eterna busca por soluções e respostas, comecei a freqüentar uma famosa igreja na região do Jabaquara, mas sentia que nada mudava. Minha angústia só aumentava e quanto mais me aprofundava nos escritos cristãos, mais percebia que não me adaptava à sua filosofia.

Não pude continuar a freqüentar aquele local. Embora minha esposa prosseguisse cada dia mais firme em suas orações, pouco a pouco fui me afastando. Discutia quase sempre com Satiko, que acreditava que minha atitude era errada e que eu havia perdido a fé em Deus.

Na tentativa de amenizar um pouco aquela situação de desarmonia, acompanhei minha esposa a uma missa. Após a cerimônia, fui conversar com o padre. Falei detalhadamente sobre o problema que minha família estava enfrentando. Ele me escutou pacientemente.

Trocamos um olhar sombrio, interpretei como um desespero mudo. "Meu filho, Deus sabe o que faz. Ele está chamando o seu filho num lugar maravilhoso, bem melhor do que aqui na terra, chamado Paraíso. Por isso, seja feita a vontade de Deus e tenha muita fé no Senhor", disse.

Naquele instante decidi abandonar definitivamente aquela religião. Já que eu não poderia fazer nada, para que praticar uma religião, com o pensamento de que, no final seria feita a vontade de Deus?

Conformismo e resignação são palavras que jamais existiram para mim. Havia decidido enfrentar aquela doença até não existir nenhum pingo de força dentro de mim,

Eu estava atordoado. Os fatos daquele dia me haviam arrasado. Procurei pensar que era mais uma opinião pessimista, não conseguindo renunciar à idéia de que ainda existia uma esperança para o meu filho.

Assim, passei a procurar desesperadamente uma outra religião. Não aceitava aquela situação, tinha de ser rápido, urgente, afinal o prazo era curtíssimo e estava se esgotando.

Comecei, então, a pesquisar e analisar outras religiões e filosofias. Comprava e lia muitos livros, visitava muitas entidades religiosas – incluindo duas orientais e o espiritismo – mas sentia que nenhuma delas possuía força para salvar meu filho da morte. Deus era soberano e absoluto, responsável pelo destino de toda a humanidade e não era esse "Deus" que eu procurava.

Mesmo não aceitando ou não me adaptando, sempre respeitei e respeito todas as religiões. Acho que cada uma tem seu valor, mas a mim, naquele momento desesperador, com meu filho à beira da morte, causava irritação ouvir que estava submisso a um ser supremo e que a vida de meu filho dependia unicamente dele.Egoísmo? Blasfêmia?

Na opinião da maioria, creio que sim.

Sentia profundamente que bons pensamentos positivos, frases bonitas, promessas, meditações e atos de humanidades perante Deus não iriam resolver o meu grave problema.

Não admitia ficar passivamente à espera da decisão de um ente transcendental. Se meu filho se salvasse, diriam: "Graças a Deus", "Foi dádiva do Céu", "Foi milagre". Se morresse, diriam, simplesmente: "Foi destino", "Deus quem quis". Eu questionava: que coerência há nisso?

Necessitava agir com urgência porque o meu "inimigo" era forte, muito forte. Precisava, portanto, de algo mais forte ainda para poder destruí-lo. No futebol se diz que a melhor defesa é o ataque. Se o adversário marcasse três gols eu tinha de fazer quatro e conquistar a vitória. Tinha de ser uma religião viva, dinâmica poderosa, que estivesse acima da doença. Meu propósito era inflexível e estava disposto a fazer o que fosse necessário para salvar a vida de meu filho.

As circunstâncias de minha vida, naquele momento, eram arrasadoras. Sabia que não adiantava ficar ainda mais triste, ou mesmo, procurar justificativas para o que estava acontecendo. Sabia também que a lamentação só traria mais desordem ao meu mundo.

Foi quando me lembrei que, em 1968, quatro anos antes de meu filho adoecer visitei Araçatuba e na ocasião um grande amigo comentara que estava praticando uma religião em virtude da doença bronco-asmática de seu filho mais velho. Vi seu rosto em minha mente, repleto de alegria ao me contar que, após alguns meses praticando a religião, seu filho havia se curado totalmente.

Na época não liguei. Não queria seguir filosofia alguma, pois não acreditava em nada e também não sentia que precisava de algo. Por consideração à nossa amizade escutei seu relato, agradeci o convite, mas não senti vontade alguma de conhecer ou mesmo freqüentar sua religião.

Como o serviço de telefonia naquela época, 1972, era muito precária, a única forma de comunicação era por carta. Naquele instante, lembrando das palavras dele e de sua convicção ao falar-

me a respeito daquele ensino, levantei-me abruptamente, peguei papel e caneta e comecei a escrever. Fiz um relato detalhado do problema que estava enfrentando, desabafei minhas angústias e sofrimento e pedi todas informações sobre a religião. Ao finalizar a carta, tive a impressão de que estava realmente realizando meu último ato de esperança.

Esperei dia após dia uma resposta de meu amigo. Sentia um frio muito intenso quando passava os olhos para lá e para cá na caixa de carta que ficava na porta de minha casa. Todos os dias, repetia o mesmo ato, mas não havia nada, nenhuma resposta, eu comecei a sentir um desgosto profundo.

Prontamente, meu amigo, ao ler meu relato, havia decidido vir a São Paulo para falar-me a respeito de sua religião. Os quase seiscentos quilômetros tornaram-se nada, perto de sua vontade de me ajudar. Meu coração transbordou de alegria quando a campainha tocou e vi Tadashi e sua esposa Marina. Tornei a olhar e a imagem era real. Meus amigos estavam ali. Enxerguei uma luz intensa e senti uma tranqüilidade indescritível.

Quando Tadashi começou a falar a respeito do Budismo de Nitiren Daishonin, tudo que escutava ia ao encontro do que eu pensava. Via que eram lógicos e coerentes os argumentos e perspectivas daquela filosofia. Além disso, tudo que gostaria de ouvir naquele momento, me era falado. Ele dizia:

1) O Budismo de Nitiren Daishonin é uma religião para a vida não para a morte;

2) O céu e o inferno, nós o passamos aqui na terra e não após a morte;

3) Na nossa prática da fé, não há oração sem resposta;

4) Recitar *Nam-myoho-rengue-kyo* ao *Gohonzon* torna o impossível em possível. Não confunda isso com milagre. É a nossa capacidade interior que se manifesta para o mundo exterior;

5) O objetivo maior da organização Soka Gakkai, cujo líder é o nosso mestre, Daisaku Ikeda, é promover a propagação do Budismo Nitiren visando ao Kossen-rufu (Paz Mundial).

Suas palavras eram um verdadeiro bálsamo para os meus ouvidos.

O brilho de seus olhos e a sinceridade com que falava faziam-me um bem inacreditável. Escutava atentamente tudo o que dizia.

"O Budismo de Nitiren Daishonin tem a sua própria filosofia e afirma que a base para avaliar e julgar a validade e a profundidade de uma religião, são a prova documental, teórica e a real."

"O que é esta prova real, Tadashi?, indaguei.

"Recitando o *Nam-myoho-rengue-kyo*, com fé, sinceridade e determinação, infalivelmente a pessoa obterá a comprovação real, nesta existência, esta é a prova real."

Ele ficou calado por uns instantes. Parecia estar esperando minha próxima pergunta.

Era difícil crer no que eu estava ouvindo. Comprovação real nesta existência significaria a cura do meu filho. Fiquei em completo silêncio. Senti ter encontrado uma religião verdadeira, uma filosofia de vida verdadeira, e estava disposto a abraçá-la com todas as minhas forças e salvar o Renato.

Sentia sinceridade em cada palavra transmitida pelo meu grande amigo Tadashi. Sempre o admirei pelo seu caráter, inteligência e integridade como pessoa . Sempre o considerei uma espécie de ídolo que me influenciou positivamente durante toda a minha juventude. E agora ele estava ali, me ajudando e falando de algo que mudara profundamente a sua vida.

Dentro da minha escuridão, enxerguei, finalmente, um ponto de luz. A esperança que eu havia perdido completamente começou a brotar dentro de mim.

Olhei pela janela. Via o sol descendo para o oeste e nuvens formando-se rapidamente no céu. Voltei meus pensamentos para o meu filho. Prometi a mim mesmo que faria tudo que fosse necessário, por mais difíceis que fossem as tarefas. Sentia verdadeira estabilidade interior, porque naquele momento percebi que o meu filho não morreria. Mas a batalha agora era minha. Sua vida, como havia desejado, dali em diante, estava em minhas mãos.

Devemos nos conscientizar de que a nossa missão é extrair o sofrimento e transmitir esperança e felicidade às pessoas. (*Jossei Toda, segundo presidente da Soka Gakkai*.)

Uma nova esperança

A partir daquele momento, iniciei a prática budista. Não sabia como faria, mas estava disposto a enfrentar todos os obstáculos que surgissem para salvar meu filho. Pedi ao meu amigo que me ensinasse a pronunciar o *Nam-myoho-rengue-kyo*. No início, achei muito difícil recitar aquelas palavras. Além disso, meu amigo enfatizou que deveria recitar o Sutra.

As premissas de Tadashi me atraíram, mas achava tudo muito difícil e pensava freqüentemente que jamais conseguiria. Mesmo assim, estava disposto a desafiar.

Era tudo muito estranho e diferente para mim. Ele havia me orientado que deveria me sentar num lugar tranqüilo e recitar o *Nam-myoho-rengue-kyo, o Daimoku*, e o Sutra, o *Gongyo*. Demorava cerca de uma hora para recitar o *Gongyo*, pois na época consistia em cinco orações de manhã e três à noite, mas fazia todos os dias nos dois períodos.

Antes de retornar para Araçatuba, Tadashi entrou em contato com a organização. Apresentou-me alguns praticantes do Budismo que moravam perto da minha casa, salientando que eles estariam ao meu lado, me orientando e apoiando.

Fiquei muito feliz com a recepção de todos, com a disponibilidade e apoio oferecido. Não podia compreender como pessoas que jamais haviam me visto, poderiam se preocupar tanto comigo, com meu

sofrimento, e, o mais desafiador, como poderiam ser tão otimistas e convictas de minha vitória.

Tornei-me membro provisório da Comunidade e do Distrito Aclimação. Lá conheci as senhoras Sebastiana, Lourdes, Madalena Dora e Luzia, que eram respectivamente, responsáveis de unidade, bloco, comunidade e distrito na época. Ao nos encontrarmos todas, sem exceção, me recebiam com palavras calorosas e cheias de convicção. Eu queria saber mais a respeito do Budismo de Nitiren Daishonin e da prática; elas me orientavam a ler os impressos publicados pela Soka Gakkai, o jornal *Brasil Seikyo* e a revista *Terceira Civilização*, o que fiz imediatamente.

Estava ansioso por respostas, por idéias, por orientações. Queria conhecer profundamente a filosofia. Portanto, lia tudo o que podia e não faltava a nenhuma palestra para a qual era convidado.

Comecei a me sentir diferente, reparava em coisas que antes não dava importância, observava cada ato de minha vida e, com o tempo, fui percebendo que em alguns momentos manifestava estados de perfeita harmonia interna.

Queria que Satiko sentisse o mesmo. Desejava para ela o que estava sentindo. Mas minha esposa mostrava-se indiferente à minha prática, às minhas palavras, e continuava a pedir que Deus salvasse o Renato.

Não tínhamos idéia do que estávamos fazendo. Satiko ia à igreja e levava o Renato, eu ia às reuniões budistas e levava o Renato. Não parávamos para perguntar o que nosso filho pensava diante daquela confusão de deuses e crenças. Evidentemente, eu não conseguia exprimir à Satiko o que sentia. Cada vez que eu protestava, estava simplesmente expressando a frustração insuportável de estar numa situação insustentável. Pela primeira vez caminhávamos sozinhos e não lado a lado, como havíamos feito desde o início do nosso casamento.

“Para vencer essa difícil batalha e salvar seu filho é primordial que haja união em sua família. É fundamental que todos pratiquem e dediquem-se harmoniosamente ao Budismo de Nitiren Daishonin. Se não for assim, dificilmente serão vitoriosos”, enfatizou o senhor

Carlos Uno, na época diretor da BSGI, quando lhe pedi orientação.

As palavras do senhor Uno ressoavam em minha mente. Imaginava inúmeras situações para conversar com Satiko e expor o que estava acontecendo. Esforcei-me ao máximo para dialogar francamente com ela.

Resolvemos que falaríamos com o nosso filho. Afinal a sua opinião era o que mais importava. Havíamos decidido que ele escolheria a religião que praticaríamos. Não dava para continuar praticando duas filosofias. Colocamos a questão cautelosamente. Nosso filho, de apenas dez anos, decidiria algo muito importante para a nossa família.

"Quero praticar a religião do papai", disse Renato sem hesitar. "Toda vez que faço o *Nam-myoho-rengue-kyo*, sinto uma grande alegria, sinto coragem. Não sinto isso quando faço orações com a mamãe. Gostei tanto quando papai me levou naquele lugar. Achei tudo tão engraçado e bonito. Aquele monte de gente falando a mesma frase... parecia que estavam cantando", falou sorrindo.

Não precisava olhar para Satiko para saber que estava receosa quanto à escolha de Renato. Eu, ao contrário, sentia-me totalmente feliz. Foi uma verdadeira vitória escutar a decisão de meu filho.

Um grande momento estava chegando. Havia sido aprovado na entrevista para receber o Objeto de Devoção Budista, o Gohonzon. Era fim de janeiro de 1973 e, nessa época, meu filho já havia terminado com as aplicações de radioterapia. Seu estado de saúde estava melhor, pelo menos, aparentemente.

Fui com Satiko comprar um oratório para consagrar o *Gohonzon*. Queria o melhor, o mais bonito, que expressasse minha gratidão pela oportunidade ímpar que estava tendo de salvar a vida de Renato.

"Quero o mais belo, porque vamos consagrar o *Gohonzon* e salvar o nosso filho", afirmei para Satiko. Internamente sentia uma alegria intensa, pois estava comprando um lindo oratório e não um fúnebre caixão.

No dia 4 de fevereiro daquele ano, com muito orgulho consagramos o *Gohonzon* em nossa casa.

Não precisava orar olhando para a parede vazia. Senti uma grande diferença ao fazer o *Gongyo* e o *Daimoku* diante do *Gohonzon*, em todos os sentidos, principalmente, em relação à concentração, fator muito importante na prática da fé.

No início consagramos o *Gohonzon* em um pequeno quarto. Não era o que eu queria, desejava que fosse instalado na sala de entrada de minha casa, mas, para não contrariar Satiko, concordei que ficasse naquele local. Vivíamos um momento delicado e sentia que deveria ser flexível e respeitar sua opinião, mesmo a contragosto.

Satiko havia iniciado sua prática, realizava comigo as orações budistas, o *Gongyo* e o *Daimoku*, mas estava estampado em seu rosto o seu descontentamento. Ela, definitivamente, não estava feliz. Aquela situação era algo que me preocupava, mas não falávamos sobre o assunto.

Um dia percebi que ela estava fazendo suas antigas orações quase num sussurro. Sabia que ela ainda não acreditava no poder do *Gohonzon*.

Passaram-se dias e sua atitude não se alterava. Eu não tinha idéia alguma quanto ao momento em que ela mudaria sua convicção. Apenas aceitava e continuava minha prática. Sabia que sua atitude tornava minha sonhada vitória cada vez mais distante. Teríamos de unir nossas forças, mas não sabia como aconteceria.

Continuamos levando o Renato às atividades budistas comigo e sempre que íamos embora conversava com os rapazes que faziam plantão voluntário para o atendimento dos membros que freqüentavam o local.

Certa vez, no templo que existia antigamente junto ao Centro Cultural da BSGI, na Rua Tamandaré, conheci um jovem rapaz. Sua aparência era simples, mas dele emanava uma alegria fora do comum. Seus olhos eram vibrantes e alegres, sua voz era forte e convicta. Quando falava a respeito do budismo, notava-se que conhecia profundamente a filosofia.

Ogata tinha um jeito peculiar de dialogar, dava exemplos da vida cotidiana inserindo os ensinos budistas. Foi aí que tive uma idéia.

Pedi que fosse até minha casa conversar com Satiko.

Não pensei, quando fiz aquele convite, que sua visita seria fundamental para que Satiko entendesse como era importante sua atuação e fé para que nosso objetivo fosse alcançado.

“Imagine seu filho sozinho puxando uma carroça de duas rodas, com um fardo muito pesado para descarregar num lugar bem distante. Acontece que só uma roda da carroça funciona; a outra está travada. Nesta história, a roda que ajuda seu filho, é representada por seu marido. Para que seu filho chegue ao seu destino final ele precisa que a acarroça funcione totalmente. E a roda que está travada, sem andar, é você”, exemplificou o jovem.

Satiko escutava Ogata atentamente. Percebi que ele estava atingindo seu coração. Falava naturalmente sobre o budismo e apresentava exemplos muito claros. Com muito tato, criando metáforas dos princípios budistas, elucidava todas as questões que se apresentavam.

Quando o jovem se foi, pela expressão de minha esposa, percebi que não restavam mais dúvidas em sua mente.

Agradeci-lhe imensamente. Era como se faltasse aquela visita para que Satiko decidisse praticar verdadeiramente aquele ensino.

MANIFESTANDO O CARMA

O início de março de 1973 foi marcado por muita dor. Conforme as previsões médicas, cinco novos tumores apareceram na região do pescoço de Renato. Estávamos muito tristes. Os médicos enfatizaram que não poderiam extraí-los. Explicaram que aquela região jamais cicatrizaria, pois seu pescoço estava muito sensível por causa das aplicações de radioterapia. Além disso, enfrentaríamos novamente as sessões de radioterapia, por um período de quarenta dias.

Saímos do hospital desorientados. Caminhamos em silêncio até o carro e fomos para casa sem pronunciarmos uma palavra. A mudança de nossas expressões, a tristeza em nossos rostos era tão nítida que parecíamos zumbis. Aquela alegria que antes havíamos sentido se fora.

Rompi aquele profundo silêncio e disse a Satiko que manteria a serenidade. "Como é que podemos desistir?", perguntei a ela. "É a vida do Renato. É o nosso filho. Nossa família. Não vamos desanimar." Satiko caiu em prantos.

Fiquei olhando para ela, sem dizer uma palavra. Então, reparei que eu não estava sofrendo tanto, porque ainda tinha esperança.

"O senhor precisa fazer uma grande quantidade de *Daimoku* para cortar o mau carma de Renato e da sua família, o mais rápido possível. Somente com intensa recitação de *Nam-myoho-rengue-kyo*, ao *Gohonzon* será possível tal proeza", falou-me Luzia.

Levei um tremendo susto quando ela me disse que precisaríamos orar 24 horas de *Daimoku* por dia. Aparentemente, era impossível permanecer orando por 24 horas, para mim, seria uma proeza, algo impossível. "Como farei 24 horas de *Daimoku* por dia?"

Estava sentindo um grande desconforto, mas disse a ela que antes de iniciar as 24 horas de *Daimoku*, desejava conhecer alguém que tivesse se curado de câncer, por meio da recitação do *Nam-myoho-rengue-kyo*.

"Não existe nenhum caso no Brasil ainda. Mas no Japão, sim."

"E fizeram 24 horas de *Daimoku* por dia?"

"Sim, li um relato de uma pessoa que estava com câncer e que, por muito tempo, o oratório de sua casa permaneceu constantemente aberto para que todos os membros da família recitassem o *Daimoku*, revezando-se entre si durante as 24 horas do dia."

"Mas sou só eu e Satiko! Como vamos fazer para recitarmos tantas horas de *Daimoku*?"

"Sua família tem uma grande missão: mostrar a prova real em sua vida e evidenciar a primeira cura de câncer aqui no Brasil. Além disso, essa comprovação incentivará muitas pessoas à prática budista. Imagine o bem que irá proporcionar", disse ela.

> Ensinar as pessoas significa lubrificar as rodas para que as mesmas possam girar; ou fazer flutuar um navio para que este possa ser movimentado facilmente. (*Escrito de Nitiren Daishonin "Resposta ao Lorde Matsuno"*)

"Farei três milhões de Daimoku" [1].

Não sei o que pensei. Sei que senti que seria capaz. Havia prometido aquela vitória ao meu filho, à minha família, e não sucumbiria diante do primeiro obstáculo. Manteria meu pacto, por mais exaustivo que fosse. Estava empenhado naquela batalha.

Conversei com Satiko e com Renato. Juntos estabelecemos uma meta: faríamos todos os dias 12 horas de *Daimoku*, para que no fim

I. Uma hora corresponde à recitação aproximadamente de três mil *Nam-myoho-rengue-kyo*. Um milhão equivale, portanto, a 365 horas.

de três meses tivéssemos cumprido os três milhões de *Daimoku*.

Por dia eu recitaria quatro horas de *Daimoku*, Satiko seis e Renato duas horas. Como? Não sabíamos. Meus filhos mais novos não foram incluídos em nosso objetivo; eram muito novinhos, 6 e 4 anos, para tal façanha. O que me surpreendia mesmo era a disposição de Renato.

Lembrava da orientação de Daisaku Ikeda que afirmava que para conquistar a felicidade é preciso ter problemas e sofrimentos. Por meio da recitação do *Nam-myoho-rengue-kyo*, devemos desafiar estes problemas e sofrimentos para sentirmos alegria e felicidade de ser vitoriosos, porque não existe vitória sem desafio. E quanto maior o sofrimento, maior será a felicidade com a vitória conquistada.

Mudamos drasticamente nossa rotina. Amigos e parentes, que desde o início da descoberta da doença vinham nos visitar acreditando que seria a última vez que veriam Renato, não iam mais em casa. Havíamos pedido gentilmente que não fossem, pois não teríamos tempo para recebe-los e, ainda, recitar 12 horas de *Daimoku* diárias.

Lembro que no dia seguinte despertei com o canto dos pássaros. Olhei para o lado procurando Satiko, mas ela já estava em frente ao *Gohonzon* recitando *Nam-myoho-rengue-kyo*. Levantei-me. Meu corpo doía. Estava muito cansado. Lavei meu rosto rapidamente e me uni à Satiko. Não acreditava no que estava vendo. Ela enfim, estava determinada a concluir o nosso objetivo e, para isso, tínhamos noventa dias.

Todos os membros de nossa comunidade nos apoiavam. Iam à nossa casa aos sábados, recitavam *Daimoku* conosco e nos incentivavam para que não desistíssemos. Luzia, Dora, Lourdes, Madalena e Hase – como entes da minha família -, passaram a compartilhar os desafios desta grandiosa luta para salvar nosso filho.

O carma deve ser dividido em duas categorias: determinado e indeterminado. Como até mesmo o carma determinado pode ser erradicado por meio do completo e genuíno arrependimento, é desnecessário dizer

que o carma indeterminado pode também ser totalmente transformado. (*Escrito de Nitiren Daishonin " A transformação do carma determinado")*

Nesse período o Sr. Izumi, vice-presidente da Soka Gakkai, encontrava-se no Brasil. Ele estava visitando a sede brasileira. Pensei em encontra-lo para contar-lhe o que estava passando e como estava lidando com aquela situação. Quando manifestei meu desejo, fui rapidamente atendido pelo Sr. Izumi, que me recebeu prontamente na sede da BSGI.

Jamais vou esquecer aquele primeiro encontro. Entramos na sala onde se encontrava – eu, Renato e Satiko – e, antes que pudéssemos falar alguma palavra, ele nos olhou e disse:

" Vocês pensam que trouxeram o Renato para escutar meus incentivos, mas na verdade vocês estão aqui porque Renato os trouxe por meio de sua doença."

Expliquei-lhe como se tornara difícil nossa realidade. Relatei todos os detalhes de nossa luta desde o dia que saímos do hospital pela primeira vez.

" Não se preocupem", replicou com um leve sorriso. " Este é o melhor momento de suas vidas. Devem realizar uma forte oração ao *Gohonzon*, com o objetivo de anular as causas negativas que cometeram nesta e em outras existências. Mesmo que não se lembrem, o que vivem nesse exato momento são efeitos de causas cometidas por vocês mesmos."

Compreender aquilo me era impossível. O que eu teria feito? Perguntava-me cabisbaixo.

"Devem objetivar com toda sinceridade a cura do Renato. A recitação do *Daimoku* deve ser feita com espírito de gratidão. Devem agradecer esta maravilhosa oportunidade de transformação. A cada melhora devem redobrar sua determinação e não esquecer jamais de agradecer."

Família Ishigami. Takashi, Satiko e os filhos, Renato, Ricardo e Suely (1973) Foto que foi enviada ao presidente Ikeda a pedido do Sr. Izumi.

Sabia que não poderia questionar o que o Sr. Izumi dizia; afinal, ele era um veterano na prática budista.

"Por favor, não deixem de orar para que o Renato viva da melhor forma e que assim possa ser um grande valor para o *kossen-rufu*, tornando-se um exemplo vivo de veracidade do Budismo de Nitiren Daishonin. A doença do seu filho é um verdadeiro tesouro na vida de sua família. Por favor, acreditem em minhas palavras."

A princípio, não entendi o significado de suas orientações. Não tive a menor dificuldade em compreendê-lo, apesar de falar em japonês, mas o que me disse só pude entender, verdadeiramente, muitos anos depois. Só quando, finalmente, percebi que naquele dia o Sr. Izumi me mostrara a grandiosidade de Renato e de sua doença. Afinal, sem aquele sofrimento, jamais teríamos a oportunidade de realizar a transformação de nossa vida e do carma de nossa família.

Despedimo-nos do senhor Izumi recebendo dele a seguinte orientação:

Sete diretrizes para mudar o mau destino de uma pessoa:

1) Prática sincera de *Gongyo* e *Daimoku*.
2) Prática constante de *chakubuku.*
3) Desenvolvimento contínuo por intermédio da fé.
4) Espírito de procura.
5) Jamais ser vencido pelos obstáculos.
6) Lutar pelo *Kossen-rufu* com união.
7) Convicção absoluta no *Gohonzon.*

Saímos de lá completamente determinados a prosseguir com nossa meta. As advertências dele agiram sobre nós como um encantamento. Recitamos horas de *Daimoku*, sem interrupção, ao voltarmos para casa.

Como havia pedido ao senhor Izumi, no dia seguinte levei uma foto de nossa família (veja foto na página anterior), pois ele levaria ao Japão para mostrar para o senhor Daisaku Ikeda, relatar nossa determinação e pedir seu apoio para a nossa luta por meio de suas orações.

Renato não se surpreendia com nada. Estava sempre sorrindo e não deixava de recitar duas horas de *Daimoku* diárias. Suas atitudes eram maduras e a vontade de viver que emanava de seu ser contagiava a todos.

Meu filho queria recitar também o *Gongyo* conosco, mas era tão novinho e estava abatido. Pedi que a responsável da comunidade explicasse a ele que não era necessário, que já estava fazendo bastante para uma criança de apenas 10 anos. Ele não deu ouvidos àquela senhora. Não aceitou o que ela disse e aprendeu rapidamente a recitar também o Sutra. Todos os dias sentava-se comigo e com Satiko e realizava o *Gongyo* da manhã e da noite, além das duas horas de *Daimoku.*

"Papai, tenho que fazer tudo o que posso para dar certo. Sou como você", alegava ele.

"Filho, não complica. Está esforçando-se demais. Não inventa, não."

Senti as lágrimas brotarem em meus olhos, mas permaneci forte, sem desmontar minha aflição, ao lado daquela criança que me ensinava tanto.

Ao concretizarmos a recitação de um milhão de *Daimoku* Renato já

lia o Sutra completo, o que nos surpreendia e, ao mesmo tempo, nos enchia de alegria.

NOVOS DESAFIOS

Estava em casa. Após realizar quatro horas de *Daimoku* de meu objetivo diário, sentei-me no sofá e comecei a ler o jornal *Brasil Seikyo.* O silêncio era profundo. Estava tão sensível após as horas de recitação de *Daimoku,* que as palavras que lia mexiam profundamente comigo. Aquele texto havia sido escrito por Daisaku Ikeda e parecia direcionado para mim. Cada palavra ressoava como um grande incentivo em meu coração.

Inicialmente o texto citava uma cena na qual Charles Chaplin, desempenhando o papel de Calvero em "Luzes da Ribalta", encoraja uma jovem bailarina de nome Terry que havia perdido todas as esperanças pois suas pernas estavam paralisadas.

"A vida é bela, algo magnífico. O problema é que você não luta. Você desistiu, vivendo continuamente na doença e na morte. Mas há algo tão inevitável quanto a morte que é a vida! Vida! Vida!, dizia Calvero para a jovem, naquela cena.

"Pense na força que existe no Universo fazendo mover a Terra e crescer as árvores. Essa é a mesma força que existe em você."

Utilizando esse exemplo e compartilhando do mesmo pensamento de Chaplin, Daisaku Ikeda falava do poder existente no universo e na natureza, afirmando que o mesmo poder existe dentro de cada ser humano, só que adormecido. Além disso, dizia que manifestar esse poder era o desafio de todos e que, por meio da recitação do

Nam-myoho-rengue-kyo, tal proeza era possível. Acrescentava ainda que o ato de abrir a porta do oratório para fazermos o *Daimoku* era como se estivéssemos abrindo a porta do universo. Eu pensava: é isso mesmo! Vou acreditar neste potencial e fazê-lo desabrochar. Sou capaz!

> A própria vida é o mais alto e o mais precioso de todos os tesouros do universo e nem mesmo os tesouros do universo inteiro poderiam ser igualados ao valor de uma única vida humana. (*Escrito de Nitiren Daishonin)*

Estava recitando o *Daimoku* ao lado de meu filho e notei um sutil sorriso em seu rosto. Seus olhos brilhavam intensamente e estavam fixos no *Gohonzon.* Sua voz era aguda e forte. Percebi que algo diferente acontecia.

"Filho, o que foi?", perguntei suavemente para ele.

Sem desviar seu olhar, resolutamente ele pediu que eu permanecesse em silêncio.

Respeitei seu pedido e continuei a recitação do *Nam-myoho-rengue-kyo.* Olhei em volta, escutei o som de nossas orações e percebi que estávamos em ritmo perfeito.

Eu não quis perguntar logo que terminamos o *Daimoku* quais eram as sensações de Renato. Mas, conhecendo-o, estava certo de que algo tinha acontecido.

"Estava batendo um papo com o *Gohonzon*", falou-me espontaneamente.

"Como?, indaguei incrédulo e calmamente. Então, ele começou a me esclarecer o que tinha acontecido.

"Não sei explicar, mas tive um sentimento maravilhoso. A cadeira em que eu estava sentado desapareceu e senti que flutuava no ar. Tudo o que estava à nossa volta sumiu, até você. Só enxergava o *Gohonzon* iluminado e, então, comecei a conversar com ele, como fazia com meus amiguinhos quando estava na escola."

Com muita delicadeza, disse para ele que aquilo que me contava era praticamente impossível de ter ocorrido.

Ele não deu importância para as minhas observações. Saiu da sala em seguida, revigorado e feliz. Eu, ao contrário, tive um medo repentino pensando que sua cabeça também fora atingida pela doença e que, além dos tumores, agora ele também teria alucinações.

Não comentei nada a ninguém. Só que não conseguia esquecer o que havia acontecido. Lembrava do sorriso sincero do meu filho e do brilho em seus olhos. Aquilo que vira era totalmente inexplicável para mim. Eu sentia que seu relato era verdadeiro, pois sua atitude era de uma alegria inefável. Mas como? Não deixava de pensar naquilo nem por um instante.

Então, após uma reunião, compartilhei o fato com a responsável de distrito, Luiza, que pacientemente me falou.

"Fixe o relato de Renato em sua memória e jamais o esqueça. Seu filho evidenciou o princípio budista *Kyoti myogo*. Talvez isso não faça sentido para você agora. No entanto, deixe que o tempo passe e entenderá quão extraordinária e rara foi a experiência que ele vivenciou ao seu lado."

Suas palavras eram indescritivelmente agradáveis.

"Por alguns segundos, Renato entregou-se totalmente à recitação e realizou a façanha mais incrível para um ser humano. Ele fundiu sua vida à vida do universo, à Lei Mística, ao *Nam-myoho-rengue-kyo"*, falou-me convicta.

Eu estava feliz, meus olhos marejaram. Uma exuberante tranqüilidade me envolvia. Tornei a sentir um profundo bem-estar e, estranhamente, minha apreensão sumiu. A noite iluminou-se.

Três dias depois, recebemos a visita de Silvia Saito, responsável pela Divisão Feminina na época, uma pessoa muito experiente que veio conversar especificamente com Satiko. Mesmo assim, dei um jeito de escutá-la também. Minha curiosidade à respeito da filosofia budista era enorme e não queria perder aquela oportunidade.

Sua percepção foi impecável e logo percebeu que o olhar de minha esposa revelava uma grande confusão. Com cuidado e rigorosidade conversou com Satiko.

"Se continuar confundindo a filosofia budista com a sua antiga religião, jamais obterá os benefícios da prática da fé. Suas atitudes

não correspondem aos princípios budistas. Choramingar e lamentar-se pedindo que o *Gohonzon* salve, por favor, o seu filho, não resultará em benefício. Não adianta pedir ao *Gohonzon* desta forma. No budismo, não oramos para alguém nos salvar. No budismo, oramos para desenvolvermos o nosso potencial de vitória e de sabedoria que se encontra intrínseco em nosso ser. Esse potencial chama- se estado de Buda e sua manifestação possibilita-nos transformar as circunstâncias mais adversas de nossa vida.

"Até agora a senhora ainda não se convenceu do poder do *Gohonzon.* A dificuldade sua, que é a mesma de todos nós, é a de se convencer. Precisa acreditar que esse poder existe e que pode manifestá-lo em sua vida e atingir a vida de seu filho."

Calou-se por um momento. Sua fisionomia adquiriu uma expressão suave.

Satiko pediu que ela explicasse o que queria dizer quando falava de mudar a atitude.

"A senhora deve olhar fixamente para o *Gohonzon* e determinar firmemente a cura de seu filho. Tem de sentir em seu coração que é capaz e afirmar para si que comprovará o poder do *Gohonzon* em sua vida. Jamais deve chorar ou mesmo se lamentar."

Agradeci, com toda a sinceridade, aquela orientação. Havia atingido, não só o coração de Satiko, como o meu também.

> Nunca procure o *Gohonzon* em outro lugar. Ele somente pode habitar o coração das pessoas comuns que abraçam o Sutra de Lótus e recitam o *Nam-myoho-regue-kyo".* *(Escrito de Nitiren Daishonin "Resposta à Dama Nitinyo")*

Era sábado. O dia amanheceu chuvoso. Árvores e arbustos em flor balançavam com o vento brando, e uma leve brisa tocava o meu rosto tristonho.

Fomos a um shopping para espairecer a cabeça. Comemos hambúrguer e tomamos sorvete.Ao ver pais passeando com seus filhos sadios, fiquei com inveja, mas ao mesmo tempo desejei que nunca acontecesse com eles o que estava enfrentando, e pensei:

“Gostaria de ser um pai que não amasse tanto o filho, pois sofreria menos.”

Renato não queria ir ao shopping por causa de seu cabelo, que tinha caído quase todo em conseqüência da radioterapia, mas foi bom termos ido, assim pôde distrair-se também.

Quando estávamos completando dois milhões de *Daimoku*, o *Sansho Shima* (Três obstáculos e quatro maldades) manifestou-se em nossa vida tentando interromper o prosseguimento de nosso objetivo de recitar três milhões de *Daimoku.*

Um parente, sentindo pena de Renato por vê-lo o dia todo em casa rezando juntamente conosco feito louco, imaginando o pouco tempo de vida que ele tinha, ofereceu-lhe uma viagem à Disneylândia, em Los Angeles, acompanhado de um dos pais.

Agradeci sua gentileza, mas recusei o convite. Afinal, eu não queria que o Renato viajasse para a Disneylândia como se fosse sua última viagem da vida. Então, pensei:”Um dia o meu filho vai conhecer a Disneylândia com saúde. Tenho plena certeza disso. O *Gohonzon* vai proporcionar-lhe essa viagem.”

Se professar o verdadeiro budismo, os *Sansho Shima* surgirão em sucessão. Por esse motivo, jamais deverá ser influenciado ou amedrontado pro eles. (*Escrito de Nitiren Daishonin “Cartas aos irmãos.”*)

DESAFIANDO O IMPOSSÍVEL

Renato estava muito debilitado. Havíamos chegado ao fim da segunda etapa de aplicações de radioterapia e sua imunidade estava baixa. Ele quase não comia e estava emagrecendo cada vez mais. Minha esposa chorava ao vê-lo tomando banho. Era doloroso ver o seu estado físico esquelético, que lembrava uma criança subnutrida. O Renato fazia exames de sangue (hemograma completo) periodicamente, de dez em dez dias. Os últimos exames revelavam resultados desastrosos, motivo pelo qual a equipe médica decidiu submeter meu filho a aplicação de quimioterapia e solicitou um novo exame de sangue. No meu íntimo não desejava que fosse realizada tal aplicação porque o Renato sofreria ainda mais e sabia do seu efeito, completamente inútil.

Eu estava exausto. Tinha vivido um dos dias mais difíceis de minha vida. Estava sentado, quieto, não queria falar com ninguém.

Saímos de casa bem cedo. Havia uma névoa cinza pairando no ar; aliás, para mim era tudo cinza e sem cor. Retirei o resultado do hemograma e levei meu filho e Satiko ao hospital. No percurso, não trocamos uma única palavra. Concentrei minha atenção no caminho e, em dez minutos, chegamos ao local. O medo aguilhoava o meu íntimo. Não tinha nenhum pensamento na cabeça, sentia apenas um imenso desconforto.

Entreguei o envelope ao oncologista, que imediatamente o abriu e iniciou uma leitura detalhada. Ele olhava fixamente para o papel

e, sem dizer uma palavra, levantou-se abruptamente e dirigiu-se à sala da chefia do departamento.

"Decidimos adiar momentaneamente o início do tratamento com a quimioterapia. O resultado do hemograma está excelente, como se o Renato nunca estivesse com câncer", disse o médico, assim que retornou à sala.

Achei aquilo fora do comum. Como poderia ser? Aquele resultado repentino e inesperado deixou-me agitado e feliz. Eu queria ter certeza de que era verdade, mas não tive força alguma para questionar a decisão do médico. Estava contente demais para isso.

O inverno havia chegado fortemente. Os dias eram frios e cinzentos. Nunca senti um inverno tão frio em minha vida que castigava até a alma.

Estávamos na reta final de nosso grande objetivo. Faltavam apenas oito dias para terminarmos os três milhões de *Daimoku*.

Depois de uma noite tranqüila de descanso, levantamo-nos. Renato tossia muito e, ofegante, não conseguia respirar normalmente. Em menos de cinco minutos, ele estava transformado.

Fiquei desorientado e confuso. Pensei que deveria ser uma gripe, pois sua imunidade estava muito baixa.

Para ajudá-l o a dormir e melhorar seu mal-estar, colocamos quatro travesseiros,- debaixo de sua cabeça, no intuito de apaziguar a falta de ar que sentia. Ele não comia nada sólido e sentia dificuldade até na ingestão de líquidos.

Levei-o ao médico para que fosse examinado. Assim que examinou Renato sua expressão se alterou, o que me causou apreensão. Ele pediu que narrasse detalhadamente os sintomas que Renato apresentara nos últimos dias. Ao terminar meu relato, encaminhou Renato imediatamente ao Raio-X.

Aquela foi a espera mais longa de minha vida e os resultados daquele exame, desanimadores.

"Os dois pulmões do seu filho estão tomados pela metástase. A constante tosse e a falta de ar são decorrentes do comprometimento pulmonar do seu filho. O câncer se alastrou, tomou 100% do pulmão direito e 25% do pulmão esquerdo. O estado do seu filho é critico,

muito provavelmente outros órgãos vitais também estão comprometidos. Não temos mais o que fazer. Sinto muito, ele não viverá por muito mais tempo. Acredito que sua vida esteja destinada a durar mais uma ou duas semanas."

É o fim, pensei.

Havia chegado ao deserto de minha vida. Não tinha mais forças para lutar e encontrava-me envolto em uma tristeza profunda.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, o médico me pediu que fosse forte e que prestasse muita atenção a suas explicações.

"O melhor que podemos fazer nesse momento é interná-lo. Precisamos sedá-lo para que não sinta mais dor. Daqui para frente ele não conseguirá mais respirar e sentirá dores violentas por todo o corpo. Não agüentará. Seu corpo está fraco demais. Vou expedir a guia de internação e o senhor traga-o amanhã para o hospital.

Eu estava tonto. Mesmo que fechasse os olhos, continuava a ver a imagem do médico. Segurei minha cabeça entre as mãos e tentei não chorar. Não quis olhar para os lados, porque aquele lugar incomodava meus olhos e fazia estremecer meu espírito. Como deixaria Renato ali, sedado, pronto para a morte?

Tudo o que eu havia feito teria sido em vão? Todo aquele processo pelo qual passava com minha família não teria adiantado nada? Como contaria aquilo para Satiko? Como ela reagiria? E Renato? Como contaria a decisão dos médicos para todos?, perguntava-me.

Um profundo desgosto tomou conta do meu ser. Estava acabado, sem energia. Não sabia onde era a porta de saída do hospital. Não a queria enxergar, pois sabia que abriria a porta de um abismo ao sair dali.

As palavras do oncologista me deixaram num estado de espírito truculento. Eu não conseguia aceitar o que ele me dissera.

Fui para casa. Estava deprimido, meus ouvidos zuniam, estava sentindo calor, a cabeça perturbada, sentia-me encabulado e, suponho, corado. Fui até Satiko e contei-lhe o parecer dos médicos.

Para minha surpresa, em vez de se abalar como era de se esperar, Satiko mostrou-se muito forte. Não entendi sua reação. Acreditava que ela desabaria emocionalmente. Mas ela estava mais forte do que nunca. Pediu-me que a levasse ao hospital para falar com a

equipe médica que havia dado o diagnóstico fatal.

Não pude contrariar seu pedido. Reuni as forças que ainda restavam em meu ser e levei-a ao hospital. Chegando lá, Satiko pediu-me que não entrasse na sala. Explicou-me que queria conversar sozinha com os médicos. Estava tão desmotivado que não tive outra reação a não ser aceitar.

Fumava um cigarro atrás do outro e aguardava minha esposa ansiosamente. Cerca de uma hora depois, ela veio ao meu encontro. Olhou-me nos olhos e resolutamente comunicou-me:

"Não internaremos nosso filho. Não permitirei que seja sedado para morrer. Disse aos médicos que meu filho vai terminar seu objetivo de realizar duas horas de *Daimoku* por dia, até que o nosso objetivo seja atingido. Se concordarmos com essa solução, ele ficará sem consciência e não será capaz de cumprir sua meta. Ele é uma criança forte e cumprirá o seu objetivo, nem que seja o último de sua vida!", exclamou e dirigiu-se à saída do hospital.

No caminho para casa contou-me que uma médica da equipe ameaçou-a dizendo que a iria processar por negar auxílio médico ao filho; por não acatar a resolução da junta médica que estava acompanhando o caso do Renato. Gritou com ela chamando-a de "mãe sem alma", "sem amor", por não permitir ao filho uma morte serena, tranqüila e sem dor.

"Eu não posso admitir essa solução. Não posso conceber a idéia de deixar meu filho aqui. Não vou interná-lo justamente por amá-lo demais. Um dia vou trazê-lo curado e com muita saúde para visitá-la. Pratico uma religião poderosa que curará meu filho. Estou convicta disso e não vou desistir", contou-me Satiko, o que falara à doutora Karina.

"Você acredita em milagres? Você acredita que algo cairá do céu para reverter o quadro do seu filho? Esse milagre que você procura não existe, pois se realmente fosse verdade não presenciaríamos tanto sofrimento vendo as pessoas perdendo seus entes queridos", respondeu friamente a médica.

A atitude de Satiko foi recebida com espanto por todos; até por mim, que não acreditava em sua coragem.

Satiko confidenciou-me, dias depois, que ela mesma havia se surpreendido com sua atitude e com o desafio que havia feito àquela médica.

"Senti um impulso incontrolável naquele momento e não sucumbi ao medo", concluiu com lágrimas nos olhos.

Naquele instante, senti sua fé. Enxerguei a força de Satiko, que enfrentou sozinha aquela difícil situação. Se não fosse ela, por um instante, eu teria fraquejado e me entregado.

Na tentativa de me animar, alguns colegas de trabalho sugeriram que eu levasse meu filho para ser examinado por um médico espírita que clinicava na cidade de Taubaté, interior de São Paulo. Segundo eles, o médico estava curando muitas pessoas do câncer.

Fiquei com aquela idéia na cabeça e fui à sede da BSGI para conversar com o senhor Carlos Uno.

"Enquanto o senhor pensar que uma outra coisa vai curar a doença do seu filho, que não seja o *Gohonzon*, ele jamais se curará , falou-me rigorosamente."

"Tudo isso que está acontecendo a você e sua família, deve ser enfrentado. E você continuará a lutar até que seja totalmente vitorioso. Essa deve ser sua determinação. Com o espírito forte e com uma fé inabalável, deve acreditar no poder do *Gohonzon."*

Não disse mais nenhuma palavra para ele e despedi-me. Saindo da sede da BSGI encontrei um jovem, filho de imigrantes japoneses praticantes do budismo. O rapaz havia chegado do Japão naquela semana. Ele falava português com muita dificuldade, mas tentou me consolar. Mais que isso, resoluto, disse-me que estava fazendo tudo certo, mas teria de fazer algo a mais, se quisesse salvar o Renato.

"Além do intenso *Daimoku* que está realizando, é necessário que propague o budismo. Deve desejar extrair o sofrimento das pessoas, por meio da propagação do budismo, com a mesma intensidade que tenta encontrar a cura para a doença do seu filho. A concretização de novos membros *(Chakubuku)* é essencial para que o senhor possa cortar definitivamente esse mal carma.

Como mostrar que aquele ensino era real com meu filho à beira da morte? Falaria com quem a respeito do budismo? Quem acre-

ditaria em mim? Responder àquelas questões eram o meu maior desafio. Mesmo assim foi a época em que fiz muito *Chakubuku* com a ajuda de Renato, começando pelos meus pais e depois os meus sogros.

> Entre todas as ações, a ação de cuidar dos pais é a mais importante. Ainda mais, cuidar dos pais por meio da fé na Lei Mística, é tão perfeito como colocar água límpida num vasilhame de ouro. *(Escritos de Nitiren Daishonin "Resposta à Dama Kubo-Ama")*

Só meus pais e meus sogros tinham permissão para visitar o Renato no período em que realizávamos nosso grande objetivo de recitação de três milhões de *Daimoku*. O mais surpreendente é que, durante as visitas, eles nunca conseguiam falar com o neto, porque o Renato não parava um minuto sequer de recitar o *Daimoku*. Parecia que era proposital, pois todas as vezes que os avós apareciam em casa ele estava orando ao *Gohonzon*.

Certo dia, após aguardar por uma hora sentado no sofá da sala esperando que o neto encerrasse suas orações, meu pai não agüentou e, levantando-se, disse: "Vou ajudar meu neto".

Sentou-se ao lado de Renato e iniciou a recitação do *Daimoku*. De repente, meu sogro que acompanhava atentamente aquela cena também levantou-se e, sem pronunciar uma palavra, fez o mesmo, unindo-se aos dois.

Quando olhei novamente, estavam minha mãe e minha sogra recitando *Daimoku* com eles.

Conseguira vencer mais um desafio. A partir daquele momento, não era apenas eu, Satiko e Renato enfrentando aquela batalha. Agora tínhamos ao nosso lado nossos pais, que haviam sido tocados por nossa fé.

> O *Daimoku* que Nitiren recita agora, nos Últimos Dias da Lei é diferente das eras anteriores. O *Nam-myoho-rengue-kyo* é a prática para si e para os outros". *(Escritos de Nitiren Daishonin "Os Três Grandes Ensinos Fundamentais ''*)

Momento crucial

Via que Renato piorava a cada dia desde o episódio do hospital. Seu corpo estava dominado pela doença e sua força estava se esgotando. Estava magro demais e sua cabeça sobressaía. Seus olhos estavam sem vida e arregalados, sua pele era apagada e sem cor. Sentia o fim muito próximo.

Num dia chuvoso, levantei-me mais cedo e saí sem dizer uma palavra a Satiko. Antes de ir ao trabalho, passei no cemitério do Morumbi e comprei um jazigo.

"Papai, não se preocupe, um dia eu irei enterrar o senhor", falou-me Renato assim que retornei para casa no início da noite. Seus olhos fitavam-me firmemente.

Tomei um tremendo susto. Senti um calafrio percorrer meu corpo todo. Aquelas palavras me deixaram arrasado. Será que ele havia me seguido? Como ele sabia? Não era possível. Eu não tinha comentado o que fizera a ninguém.

Examinei seu rostinho com atenção e cheguei à conclusão que meu filho era mesmo uma pessoa muito especial. Por algum motivo, fiquei absorto olhando-o. Sentia-me encabulado e não consegui falar nada a respeito do que havia me dito. Seu comportamento era, realmente, inacreditável.

"Quando uma pessoa atinge o estado de Buda, ela tem uma percepção muito afinada das pessoas e do ambiente que a cerca", observou Luzia, quando lhe contei o que havia ocorrido.

Foi então que entendi o que acontecera ao meu filho, que havia "adivinhado" meus pensamentos. E não era só o Renato que tinha esse dom. A dona Luzia teve uma grande percepção ao levar, naquela mesma semana, à minha casa, o então vice-presidente da BSGI, o senhor Eduardo Taguchi, para me incentivar.

"Aprendi que no Budismo de Nitiren Daishonin é vitória ou derrota. Sinto que minha derrota está bem próxima, porque meu filho vai morrer. Mesmo assim, quero transformar essa derrota em uma vitória", falei para ele, assim que começamos a dialogar.

Ele olhou para mim com um ar assustado. "O que quer dizer com isso?", perguntou-me.

"Gosto tanto do meu filho que não suportaria a idéia de viver sem ele. Então, depois que ele morrer, farei um objetivo tão grande de *Daimoku* que o trarei de volta tendo um outro filho com minha esposa, num corpo perfeito e sadio. E, então, essa será a minha vitória", disse-lhe.

"Isto é uma ilusão", retrucou ele. "Quem o senhor pensa que é para decidir sobre a vida do seu filho? Enquanto existir vida há esperança. Portanto, ore com todas as suas forças para salvar o seu filho e não o enterre vivo, como o senhor está fazendo e determinando por meio de suas palavras."

Fiquei perplexo e envergonhado. Acreditava que havia encontrado a saída para o meu sofrimento e, pelo contrário, estava sendo severamente orientado de que aquilo era um grande absurdo.

"O senhor precisa confiar mais no *Gohonzon*. Busque, nas profundezas da sua vida, uma fé inabalável, além do seu limite, o máximo que puder, como se extraísse água do deserto ou acendesse fogo numa lenha molhada", disse ele convicto.

Aquelas palavras rigorosas abalaram o meu ser. Quis interferir, falar alguma coisa, mas me era impossível. Como doeu em minha alma imaginar o que eu estava fazendo.

"Conforme seu plano, quem pode garantir que vai ser mesmo a vida do seu filho que retornará ao seu convívio?", indagou-me.

Senti uma profunda dor no peito, meu corpo todo se contraiu,

meu coração ficou apertado e eu tinha vontade de sumir dali. A única coisa que consegui fazer foi apertar sua mão e olhá-lo nos olhos, arrependido.

A partir daquele momento fortaleci e renovei minha decisão.

> O Budismo é vitória ou derrota. Sendo assim, não importando qual seja a adversidade pela qual estivermos passando, devemos triunfar sem falta. Ser vitoriosos em nossas batalhas é uma prova de que estamos vivendo o caminho de mestre e discípulo corretamente, esse é o verdadeiro caminho da fé." *(Daisaku Ikeda, presidente da SGI)*

As palavras do senhor Taguchi não saíam da minha cabeça e ressoavam em meu coração. Estava tão desnorteado que saí andando pelas ruas para refletir o que estava acontecendo em minha vida.

Um amigo emprestou-me seu apartamento na Praia Grande e viajei com a família num final de semana prolongado. Acordei cedo, antes de o sol nascer e, sozinho, fui até a praia apreciar o mar, a natureza.

Começou a clarear, o horizonte ficou todo tingido de vermelho-alaranjado. Gaivotas riscavam o céu colorido. Os pescadores arrumavam seus barcos. Era um cenário maravilhoso, mas não estava completo. Minha alma estava triste, sentia-me infeliz. Viajara para nos distrair, mas meu objetivo principal era que Renato tomasse sol, pois sua tez estava cada vez mais pálida e esbranquiçada. Era insuportável vê-lo assim. Confortava-me um pouco só o fato de ver Renato corado, queimado de sol, dando-me a ilusão de que estava bem.

Certa ocasião, encontrei o jovem Ogata e contei-lhe que o estado de saúde de Renato piorara e que, após a descoberta da metástase do pulmão, sua vida estava chegando ao fim.

"Não se preocupe, é assim mesmo. Recitar *Daimoku* é como abrir uma torneira fechada há muito tempo. Então, é natural que, ao

abrirmos, saiam sujeiras e lodo em abundância, acumulados no cano ao longo dos anos. E qual a nossa atitude ao ver aquela água suja? É deixar a água escorrer abundantemente até que se torne cristalina e límpida. O *Nam-myoho-rengue-kyo* funciona assim em nossa vida, limpando-a de dentro para fora, retirando todas as nossas impurezas", disse ele, tranqüilizando-me. "Continue sua prática e não desista".

A situação era realmente desoladora. Nos sentíamos órfãos porque havíamos nos desligado da medicina convencional ao negarmos a internação de nosso filho e estávamos totalmente mergulhados em nosso sofrimento.

"O que vamos fazer? E agora?", perguntei a Satiko.

Conversamos muito e decidimos, por nossa conta, dar algumas vitaminas ao Renato, com o intuito de melhorar um pouco mais sua resistência. Ele estava tão fraco que, apesar de não afirmamos claramente, tínhamos receio de que ele, talvez, fosse incapaz de terminar seu objetivo de *Daimoku.*

O farmacêutico que trabalhava na drogaria que ficava na esquina da rua onde morávamos ia à nossa casa todos os dias aplicar as injeções de vitaminas. Quando as dores ficavam muito fortes e intensas, nós mesmo ministrávamos alguns analgésicos. Víamos nosso filho definhar e não podíamos fazer quase nada. Nossa decisão já tinha sido tomada e continuaríamos lutando até o fim.

Nossa única estratégia era permanecer firmes. Lembrando daquele dias, penso que, sem a recitação do *Daimoku*, teríamos sucumbido.

> O sofrimento não é infelicidade. Infelicidade é ser derrotado pelos sofrimentos. *(Daisaku Ikeda)*

A única coisa que o Renato conseguia ingerir era o caldo de carne que a Satiko preparava com todo o carinho de mãe e, delicadamente oferecia-lhe a fim de fortificá-lo.

Hesitávamos, às vezes, mas Renato, nunca. Ele nos incentivava dizendo que estávamos na reta final e que seríamos vitoriosos.

Naquela terrível semana, nosso filho teve uma forte crise. As

dores eram insuportáveis e ele sofria muito. Os analgésicos já não faziam mais efeito, mesmo ministrados em alta dosagem. Ele rolava na cama de um lado para o outro e gritava de dor. Estava todo suado e molhado.

Deixei a Satiko com ele e corri até o *Gohonzon*. Recitei *Daimoku* com todo o meu ser para que meu filho parasse de sofrer. Pouco a pouco as dores foram diminuindo e alguns minutos depois nosso filho melhorou.

"Mãe, você está sofrendo muito, eu sei. Não chora, mamãe. O *Gohonzon* está empilhando um montão de benefícios, que estão para desabar, a qualquer momento, sobre nós, acredite. Hoje a mamãe talvez seja a mulher mais infeliz do mundo. A hora certa e o momento exato estão para chegar. Tenho a certeza de que, um dia, será a mãe mais feliz do mundo. Por isso, não perca a sua fé no *Gohonzon*, por favor", falou Renato para Satiko, assim que as dores foram cedendo.

Jamais nosso filho falhou em seu objetivo de *Daimoku*. Mesmo quando estava com a saúde terrivelmente precária, ele não falhava. Dividia a sua parte em várias etapas por dia e não deixava de realizá-Ia.

Certa vez olhou para mim e disse-me que, quando entrava em sintonia com o *Gohonzon*, suas dores cessavam e ele sentia a coragem de um leão.

O engraçado é que eu tinha certeza que ele diria que sentia a coragem do seu herói favorito, o Nacional Kid, um super-herói de sua época, mas não. Ele afirmava, categoricamente, que sentia a coragem de um leão.

> O *Nam-myoho-rengue-kyo* é como o rugido de um leão. Que doença, portanto, pode ser um obstáculo.
> *(Escritos de Nitiren Daishonin "Resposta a Kyo o)*

Oito dias se passaram - os mais longos de nossa vida. Terminamos o nosso objetivo de três milhões de *Daimoku*. Eu, Satiko e Renato tínhamos vencido as dificuldades e todos os obstáculos que tentaram nos impedir. Mesmo sem nenhuma melhora aparente no estado de saúde do meu filho, sentimo-nos pela primeira vez depois daquele período obscuro, felizes.

Orgulhosos, um sentimento de vitória arrebatou nossos corações,

permeando aquele momento de nossa vida. Víamos um centímetro cúbico de oportunidade aparecer. Estávamos atentos e ajustados a fim de aproveitar as oportunidades que apareceriam. Sabíamos que algo teria de acontecer.

"Está bem!", falei para Satiko. "Se no Budismo de Nitiren Daishonin não existem milagres, o que poderá acontecer a partir de agora?"

Satiko olhou-me com ar de indagação. Sabia que ela não poderia responder àquela pergunta, mesmo assim a havia feito.

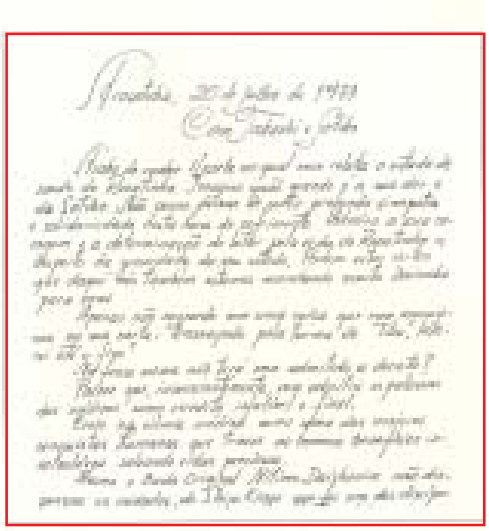
"Se, como aprendemos no budismo, a vida é um contínuo e dinâmico processo de mudanças, por que, então, nossa vida seria uma exceção? Se estamos totalmente conectados ao ritmo da vida, à lei de causa e efeito e ao *Nam-myoho-rengue-kyo*, o que queremos será evidenciado", respondeu-me, para minha total surpresa.

***

Araçatuba, 20 de julho de 1973.

Caro Tadashi e Satiko.

Acabo de receber sua carta na qual você relata o estado de saúde de Renato.



Trecho da carta original enviada por Tadashi (1973).

Imagino quão grande seja a sua dor e a de Satiko. Não posso deixar de sentir profunda simpatia e solidariedade nesta hora de sofrimento.

Apenas não concordo com uma coisa que você mencionou na sua carta: "Encorajado pela turma da minha comunidade budista, lutarei até o fim ".

Na frase acima, não teria você admitido a derrota? Parece-me que você inconscientemente admitiu a palavra do médico como veredicto final.

Creio na ciência médica como uma das maiores conquistas humanas. Ela trouxe ao homem benefícios incalculáveis e creio que continuará beneficiando-nos cada vez mais. Mesmo Nitiren Daishonin não dispensava os cuidados de Shijo Kingo, que era um de seus discípulos admiráveis e, além disso, era um excelente médico. O Gohonzon nos mostrou assim a validade e a importância da ciência.

Aliás, a filosofia de vida do Budismo de Nitiren Daishonin é a única filosofia que prega a inseparabilidade da matéria e espírito - Shiki-shin funi, revelada há 700 anos e que o mundo ainda ignora.

Quando você diz: "Lutarei até o fim", não posso deixar de entender que você determinou o fim antecipadamente. Estou certo de que você chegou a um ponto importante na jornada da fé. Um ponto ao qual eu próprio ainda não cheguei e que todos deverão enfrentar para testar a fé, mas tenho certeza de que vocês vencerão dando a comprovação real dos benefícios do Gohonzon.

O exercício budista é sempre conseguir a comprovação real e, através dela adquirir uma convicção inabalável. Essa luta corajosa e constante acabará por mudar o próprio destino da sua família (carma).

Takashi, estejam certos de que vocês não estão sozinhos nesta luta pela salvação do Renato, pois Marina, Haroldo, Angélica, Cecília e eu estaremos enviando muito Daimoku para vocês.

(Trecho de uma carta enviada por Tadashi em 20/7/1973.)

***

Transformando o carma

Mesmo após o término de nosso objetivo, continuamos a recitar intenso *Daimku*. Meu filho não saía mais da cama. Estava pesando treze quilos e não tinha forças para ficar em pé.

Nada do que eu jamais passara, nada do que eu fizera ou imaginara podia sequer comparar-se à angústia e à solidão daqueles dias. Sabia que não podia evitar a dor e a tristeza, mas tentava não me entregar. Eu não suportava mais ver meu filho naquele estado; eu me recusava a me despedir. Não o fazia nem em pensamento.

Satiko avisou-me que sairia para comprar velas. Quando retornou para casa estava eufórica. Contou-me que no caminho decidiu recitar *Daimoku* na Sede, e que tinha feito contato com o *Gohonzon*, igual aos contatos que nosso filho realizava.

"A partir daquele instante, tive a certeza absoluta de que nosso fi1ho não morrerá!", exclamou ela.

Aquela afirmação de Satiko me intrigara.

"Nesta casa o único que não desenvolveu a fé fui eu", disse a ela irritado.

No dia seguinte, fomos à uma reunião de budismo realizada pela comunidade que freqüentávamos desde que iniciamos nossa prática.

Um companheiro da comunidade de nome Sérgio, que conhecia nossa história e sabia do sofrimento que passávamos, veio conversar conosco.

"Tenho uma sobrinha que está praticamente curada do câncer. Ela iniciou há pouco tempo um tratamento alternativo, com um

cientista bioquímico, e sua melhora é notável. Por que vocês não tentam esse tratamento?", disse entusiasmado.

O sol já se punha no horizonte e um colorido laranja-claro refletia no local. Aquelas palavras fizeram com que meu estado de espírito mudasse subitamente. Senti uma alegria imensa e meus olhos brilharam diante daquela nova possibilidade de cura.

No dia seguinte, fui com Satiko, Renato e algumas amigas da comunidade conhecer o bioquímico que curava portadores de câncer.

Assim que chegamos, não gostei do que vi: o "cientista" tinha tiques nervosos, suas mãos eram trêmulas, sua barba estava mal cortada e, ainda, fumava sem parar um cigarro atrás do outro.

Lembrei das palavras de meu cunhado que, meses antes, afirmara que pais desesperados apelam para tudo na tentativa de salvar um filho doente.

No mesmo instante, percebi que estava sendo pessimista demais em meus pensamentos, afinal, eu nunca vira um cientista e, de repente, todos poderiam ser assim, "meio esquisitos".

No decorrer da consulta, ficou claro para nós que ele não era médico e também não estávamos convencidos de que era, realmente, cientista.

"Garanto a recuperação do seu filho com uma margem de 80% de certeza", disse ele, após examinar o Renato, por quase quarenta minutos.

"Pena que se submetera à radioterapia. Só pegarei o caso porque ele não fez nenhuma sessão de quimioterapia, pois, se tivesse feito, comprometeria totalmente o tratamento e sua recuperação", afirmou olhando para mim com um ar de superioridade.

Ao escutar suas palavras, agradeci ao *Gohonzon* o grande benefício de o médico, misticamente, ter cancelado as aplicações de quimioterapia. Senti que os primeiros efeitos de nossas orações começavam a surgir.

Quando ele começou a explicar o tipo de tratamento que meu filho teria de enfrentar, não acreditei. Renato precisaria tomar, aproximadamente cento e quarenta medicamentos, comprimidos e líquidos, divididos em três intervalos diários - manhã, tarde e noite. O que mais me chamou a atenção foi que os medicamentos que ele prescrevera não eram fabricados ou vendidos por ele, mas sim

encontrados em farmácias. Além disso, teríamos que aplicar trinta ampolas de injeções, com medicamentos diversos, em uma seringa de 20 ml, três vezes ao dia. Segundo o "cientista" o tratamento duraria cerca de seis meses e, dependendo da evolução do Renato, os remédios, orais e injetáveis diminuiriam gradativamente.

Agradecemos a consulta e saímos de lá rapidamente. Sentia me ludibriado e levado àquele lugar em vão; jamais imaginara que aquele tipo de coisa pudesse existir. Fomos embora e expressei minhas impressões a todos. Sentia uma grande angústia, um aperto na garganta, quando Satiko interrompeu o silêncio que havia se estabelecido após minhas palavras.

"Renato, você suportaria fazer um tratamento tão violento e assustador?", indagou.

"Com a prática do *Daimoku*, embora fisicamente pareça muito mal, estou totalmente fortalecido e com uma energia vital incalculável, capaz de enfrentar o que for necessário. Não reclamarei e resistirei ao tratamento por mais dificil que seja. Minha resposta é sim, quero fazer. Vamos tentar. Esquisito ou não, falso ou não, esse cientista será apenas um instrumento do *Gohonzon.* A hora certa e o momento exato chegaram. Não temos mais tempo a perder."

O *Gohonzon* incorpora a vida do universo em sua forma mais poderosa e concentrada. Como nós estamos intimamente ligados ao Gohonzon, nossa força vital também fica fortalecida ao máximo. *(Daisaku Ikeda)*

O conhecimento é adquirido de fora para dentro, e a sabedoria, de dentro para fora." *(Tsunessaburo Makiguti,fundador e primeiro presidente da Soka Gakkai)*

Meu filho nem parecia uma criança de dez anos. Sua opinião me fez refletir e não tive dúvidas; decidi que iniciaríamos aquele tratamento imediatamente.

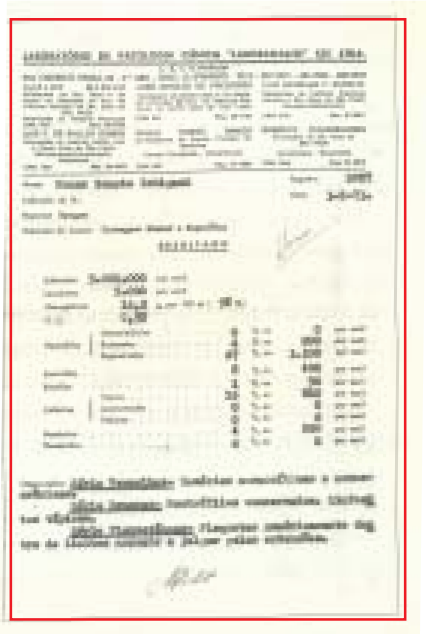
Tive um momento chocante de compreensão. Lembrei-me do princípio budista *Hendoku Yaku*, que significa transformar o veneno, em remédio.

“Percebi que não tem importância se ele for um médico ou cientista falso.” Acompanhado de muito *Daimoku*, podemos transformá-lo ou inspirá-lo para que o tratamento seja um total sucesso. Transformarei toda incerteza em uma grande comprovação”, declarei enfaticamente.

Quero deixar claro que estas palavras soaram em meu pensamento num momento de incertezas e indecisões. É evidente que precisamos procurar um ótimo médico quando ficamos doentes. É que, no meu caso, naquele momento, não havia mais nada que pudesse solucionar o meu grande problema - ele foi a única e derradeira tábua de salvação.

Não tenho dúvidas de que foi a comprovação do princípio de *Hendoku Yaku* (Transformação do veneno em remédio). Em meu pouco conhecimento sobre o budismo, essa foi a explicação que encontrei.

De manhã fui a uma grande farmácia localizada na Praça da Sé, em São Paulo, comprar os remédios prescritos pelo cientista. Quando estava saindo do local, perguntaram-me onde era a minha farmácia. Isto porque eu havia levado apenas os remédios para a primeira semana de tratamento.



Exame de sangue

Os exames sempre deram resultados absurdos com leucócitos (glóbulos brancos) passando a casa dos 20 mil Eritrócitos (glóbulos vermelhos) baixíssimos. Estranhamente, neste exame feito em 3 de maio de 1973, deu tudo normal, e o oncologista suspendeu a quimioterapia que estava prevista.

Ao saber que estávamos iniciando aquele tratamento, meu cunhado despejou uma porção de perguntas sobre nós.

"Isso é um verdadeiro absurdo. Esse tratamento é muito forte, nenhum ser humano suportaria tomar essa quantidade de remédios", disse impetuosamente. "Além disso, quero o nome dele completo, para denunciá-lo ao Conselho de Medicina", continuou.

Explicamos cuidadosamente para ele os motivos que nos levaram àquela decisão.

Pedimos que acreditasse que era a nossa única e última alternativa e, assim, nos respeitasse, pois não tínhamos perdido a razão.

Logo depois, conhecemos a sobrinha do senhor Sérgio, que também estava fazendo aquele tratamento. Ela estava praticamente curada. Irradiava alegria e saúde. Ficamos muito animados e imaginamos nosso filho totalmente curado.

Combinamos como seria nossa rotina: os enfermeiros do "cientista" viriam em nossa casa aplicar as injeções no Renato três vezes ao dia; Satiko ministraria os remédios orais, obedecendo a rigorosa ordem e os horários estabelecidos.

Na véspera do início do tratamento, minha esposa teve uma forte crise emocional. Ela chorava muito e rangia os dentes ininterruptamente. Parecia estar tendo verdadeiros espasmos de dor, cobriu o rosto e deitou-se enquanto seu corpo se sacudia. Ela sentiu o peso das palavras do meu cunhado, que afirmara que nenhum ser humano agüentaria ingerir aquela quantidade de remédios.

Acalmei-a, dizendo que tudo daria certo porque contaríamos sempre com a proteção do *Gohonzon*, do início ao fim.

Início da primavera

Iniciamos o tratamento. Com a coragem que já havia demonstrado, Renato aceitou tomar todos os medicamentos e, passou, penso, pela pior fase de sua doença.

Desde o primeiro dia, colocava coisas muito estranhas para fora de seu corpo, vomitando e evacuando substâncias esquisitas.

Utilizávamos diversos tipos de produtos de limpeza, apelamos para tudo - incensos, água perfumada, desinfetante - na tentativa de melhorar aquele cheiro horrível, mas de nada adiantava.

Lembrava das palavras do jovem Ogata: “Deixe que a impureza saia em profusão.” Não sabia o que estava acontecendo, mas tinha uma certeza: o organismo do meu fi1ho estava expelindo toda a doença, de uma maneira ou de outra.

Além dos medicamentos, pela manhã Renato tomava um copo de suco de cenoura, no almoço tomava agrião com beterraba e, no jantar, espinafre com rabanete. Os sucos só podiam ser feitos na centrífuga e necessariamente deveriam ser puros, ou seja, os legumes não podiam ser misturados com água. Para fazermos um copo de 350 m1 de suco eram necessárias uma média de oito cenouras, doze rabanetes, quatro maços de espinafre ou mais.

Aquilo tudo me parecia loucura, mas havia concordado em, cumprir os detalhes daquele tratamento e estava disposto a ir até o fim. Loucura ou não era nossa última chance.

Naquela semana, participei de uma reunião de palestra onde fora

abordado sobre a "lei de causa e efeito", que é um dos princípios mais importantes no Budismo de Nitiren Daishonin.

Nunca esquecerei as palavras do palestrante, que afirmara que a vida é eterna explicando o ciclo interminável de nascimento e morte. Lembro-me nitidamente quando aquele senhor comparou o ciclo de vida e morte com o dormir e o despertar de uma pessoa.

"Acordaremos descansados, naturalmente, após um bom repouso, uma boa noite de sono. No entanto, se alguém for dormir com dívidas, acordará na manhã seguinte com as mesmas dívidas. Ou seja, se não transformarmos nosso carma nesta vida, manifestaremos essa mesma condição na próxima. Portanto, se sofremos no momento presente é porque fizemos causas nesta vida ou em vidas anteriores que justificam nossos sofrimentos. Mesmo que não nos lembremos, todas as causas que realizamos em nossas existências estão gravadas e registradas nas profundezas de nossa vida. Essas causas ficam depositadas em nossa oitava consciência, chamada também de consciência *ayala*. Os efeitos dessas causas, cedo ou tarde, se manifestarão. Basta que a situação seja favorável para que eles se manifestem. Entender o motivo de nossos sofrimentos e compreender que a vida vai além do que vivenciamos diariamente, que a vida é eterna e que não existe apenas o agora, é nosso desafio", falou diligentemente.

Compreendi que o Budismo de Nitiren Daishonin é rigoroso e implacável, mas também justo e benevolente, por não existir pecado imperdoável, mas sim, causa e efeito. Percebi que a intensa recitação do *Nam-myoho-rengue-kyo* ao *Gohonzon* é capaz de transformar as causas negativas que cometemos no passado e, então, aprofundei minha fé e devoção.

Se deseja saber as causas do passado, olhe para os resultados no presente. Se quiser saber o resultado no futuro, analise as causas no presente. *(Sutra Shinjikan)*

A Lei da causalidade não reside em nenhum outro lugar, senão em nossa própria vida. *(Jossei Toda)*

Os dias se passavam. Os remédios que havia adquirido para uma semana acabaram, felizmente. Digo felizmente pois haviam se passado três dias do prazo de vida dado pela medicina convencio-na1. Ao mesmo tempo, significava que Renato estava suportando a grande dosagem de remédios que ingeria.

As explicações já não me eram necessárias. O que importava naquele momento era um dia de vida a mais para o Renato. Percebi que eu havia modificado drasticamente minha personalidade e minhas atitudes no decorrer da doença de meu filho.

Voltei à drogaria e comprei remédios suficientes para duas semanas de tratamento, pois sabia que meu filho sobreviveria; mesmo estando tão debilitado e passando muito mal, sabia que seria vitorioso.

Após completar vinte dias de tratamento, o "cientista" mandou dar ao Renato de manhã nove gemas de ovos, diariamente.

Tudo que receitava era exagerado. Eu não saía mais da farmácia na Praça da Sé.

Quando tudo isso vai acabar? Até quando iremos sofrer?, eram perguntas que permaneciam em minha cabeça.

Aqueles que crêem no Sutra de Lótus são como o inverno; o inverno nunca falha em se tornar primavera.
(Escritos de Nitiren Daishonin "Carta a Myoti-Ama')

Soube que seria realizado o Exame de Budismo para iniciantes. Mesmo muito atarefado, fiz um grande esforço e comecei a freqüentar as reuniões preparatórias onde eram explanados os temas e ensinos que cairiam na prova. Lembro que na primeira aula a palestrante fez uma explicação minuciosa sobre o budismo. Que budismo é o nome que se dá aos ensinos do Buda, que Buda significa "o iluminado" entre outros pontos.

A história do budismo teve início há aproximadamente dois mil e quinhentos anos com o nascimento de Sidarta Gautama, um príncipe de um pequeno clã chamado Sakya, localizado próximo à

fronteira da Índia, ao sul de Nepal central. Ainda jovem, contrariando o pai, renunciou à vida palaciana e partiu em busca da verdade sobre os quatro sofrimentos da vida - nascimento, envelhecimento, doença e morte. Não se sabe se foi com trinta ou trinta e cinco anos que ele conseguiu, após privações e sofrimentos, atingir a iluminação, sentado sob a árvore Bodhi em Bodhigaya, e assim desvendou os mistérios da vida. Desse momento em diante, passou a ser chamado de Sakyamuni, o Iluminado. Acredita-se que Sakyamuni tenha vivido até os oitenta anos e, antes de falecer, profetizado que após aproximadamente dois mil anos de sua morte surgiria um Buda que completaria os seus ensinos, o Sutra de Lótus: Conforme sua profecia, em 1222, nasce no Japão o Buda Original, Nitiren Daishonin, que estabeleceu o Verdadeiro Budismo de *Nam-myoho-rengue-kyo,* a eterna Lei da Vida oculta nas profundezas do Sutra de Lótus.

Ao final da palestra, pedi que me explicasse, mesmo resumidamente, o significado do *Nam-myoho-rengue-kyo.*

"Se colocarmos todas as leis do universo dentro de uma centrífuga, o suco concentrado, ou a essência de tudo, pode ser comparado ao *Daimoku"*, respondeu-me a palestrante, amavelmente. "Empenhe-se nos dois caminhos, da prática e do estudo. Sem esses dois não pode haver budismo. Não somente o senhor deve perseverar na fé, mas também deve ensinar aos outros. Tanto a prática como o estudo surgem da fé. Um não vive sem o outro. Na escritura 'O verdadeiro aspecto de todos os fenômenos', Nitiren Daishonin explica este princípio", concluiu.

Três semanas haviam se passado desde o início do tratamento e notava uma gradativa melhora no aspecto do meu filho. Renato estava corado, com vitalidade e alimentava-se normalmente. As dores haviam desaparecido e começava, enfim, a recuperar seu peso.

***

Hoje estou bastante feliz porque a Satiko fez nosso relato de experiência no Palácio Mauá perante duas mil pessoas com êxito. Eu infelizmente não estive presente por se tratar de uma reunião da Divisão Feminina. A responsável da divisão esteve em casa após a reunião e me contou que o relato foi um sucesso! Disse ela que tinha muita gente chorando durante o relato e que a casa veio abaixo quando a Satiko contou dos três milhões de Daimoku que tínhamos conseguido. Houve comentários de que no Brasil era um fato inédito uma família recitar onze a doze horas de Daimoku, diariamente, durante o período de três meses, entre o pai, a mãe e o filho de apenas dez anos, levando em conta, principalmente o fato de serem recém-convertidos. Pelo que a Dora me contou, muita gente deixou a reunião impressionada, com o pensamento de redobrar o Daimoku que vem fazendo. E quando terminou o relato os aplausos foram tão prolongados que ela teve de levantar duas vezes da cadeira para agradecer.

(Trecho da carta endereçada a Tadashi em 20/9/1973.)

***

Pouco a pouco Renato recuperava a saúde. Então, Satiko disse a ele: "Renato, na próxima existência vamos conviver todos juntos, renascendo na mesma família de hoje". Satiko ficou um pouco decepcionada com a resposta imediata de Renato. "Mãe, não será possível porque tenho a missão de renascer sempre numa família onde não se pratica o budismo e, por meio de minha grave doença, mostrar a força do *Gohonzon.*"

Essas suas palavras não saíram de minha cabeça e, passados muitos anos perguntei para Marina Nakajima, que foi minha "chefinha", como carinhosamente a chamava quando eu era res-

ponsável pelo Distrito Aclimação, sobre o assunto. Ela disse-me: "Na época de Sakyamuni, na cerimônia no ar, infindáveis Bodhisattvas emergiram da terra jurando propagar a Lei Mística na difícil era de *Mappo*, cada um com uma missão e responsabilidade." E prosseguiu: "No Budismo de Nitiren Daishonin existe um princípio chamado *Ganken Ogo*, que tem o seguinte significado: uma pessoa que deveria nascer numa circunstância de felicidade, como resultado dos benefícios da prática budista, nasce no meio de pessoas infelizes mediante seu próprio desejo justamente para propagar a Lei Mística, que é o *Nam-myoho-rengue-kyo.*" Marina, continuou: "É claro que não temos como provar que seu filho seja tal bodhisattva, mas é a única explicação que tenho, pelo fato de o Renato ter dito aquelas incríveis palavras para Satiko tendo apenas 10 anos de idade."

Várias pessoas me incentivaram a escrever esse livro, mas a grande incentivadora que me fez desafiar as primeiras linhas foi Marina. Ela dizia que essa minha história não deveria ficar apenas com alguns, mas sim se estender para todas as pessoas. Além disso, indicou pessoas que pudessem me ajudar na conclusão do livro. Somente tenho a agradecer do fundo do coração à Marina, pois se hoje escrevo essas linhas é graças aos seus incansáveis incentivos.

***

Curso de Verão do Distrito Aclimação, 1978.
(Da esquerda) Ishigami (sexto da primeira fileira). Na extremidade, Marina Nakajima, sua grande amiga.

Noto melhora no Renato a cada dia que passa. Como estamos já cheios com o tratamento e, em 28 de novembro de 1973, lançamos um objetivo de Daimoku aconselhado pela responsável Dora. Até o fim do ano decidimos fazer oito horas diárias de Daimoku. (...) então a Satiko disse ao Renato: Renato, a cada dia a mãe sente que está adquirindo mais fé.

A resposta imediata do Renato: A cada dia não, tem que ser a cada hora, senão demora muito.

(Trecho da carta endereçada ao Tadashi em 19/12/1973.)

• • •

Fortaleça sua fé dia após dia e mês após mês. Se enfraquecer mesmo um pouco, demônios aproveitar-se-ão.

(Escrito de Nitiren Daishonin ':As perseguições ao Buda')

A grande vitória

O ano de 1974 foi um dos mais marcantes de nossa vida.

Realizamos pela primeira vez uma reunião em nossa casa para comemorarmos o novo ano que estava iniciando, para celebrarmos a vida.

No dia 1º. de janeiro, nossa casa estava em festa, estavam presentes muitos dirigentes da BSGI e nos sentíamos profundamente felizes e agradecidos.

Os olhos de Renato brilhavam e ele esbanjava saúde e energia, corria de um lado para outro e brincava com as crianças.

Olhava ao meu redor e não conseguia acreditar que vivia aquela realidade. Procurei sentir tudo que estava acontecendo. A luz era intensa. Pensava que, o que quer que estivesse ocorrendo ali, era impossível; na verdade, era inconcebível segundo a ordem lógica pela qual estava habituado a julgar o mundo e o ambiente. No entanto, eu percebia que estava acontecendo, que era real e que, enfim, havíamos vencido.

Por decisão de minha esposa, nosso oratório havia sido colocado na sala principal de nossa casa, o local que eu havia sonhado desde que iniciamos nossa prática.

Entre os dirigentes presentes estava o senhor Roberto Saito, diretor geral da BSGI na época, que havia acompanhando cada detalhe de nossa batalha pela vida de Renato. Dirigindo-se a mim, ele falou para todos a respeito da Lei Mística fazendo uma comparação com a vida:

"Nossa cabeça representa o *myo;* nossa garganta representa o *ho*, nosso peito representa o *ren*, nosso abdômen representa o "gue" e nossos membros representam o *kyo*. Conforme a sabedoria do Buda, nosso corpo representa os cinco caracteres do *Myoho-rengue-kyo*. Ao recitarmos o *Daimoku* ao *Gohonzon*, harmonizamos nosso corpo inteiro, dos pés à cabeça, fazendo com que vibre intensamente, neutralizando tudo de ruim, inclusive as células cancerosas. Esse é o maior beneficio que podemos extrair", concluiu alegremente.

Estávamos emocionados. Sentia um profundo bem-estar.

> O dia do Ano-Novo é o primeiro dos dias, o primeiro dia dos meses, o início da primavera e o início do ano. Quem celebra esse dia torna-se mais virtuoso e será amado por todos. Será como a lua, que gradativamente se torna cheia à medida que se dirige do oeste para o leste, ou como o sol, que se torna cada vez mais brilhante à medida que viaja do leste ao oeste." *(Escrito de Nitiren Daishonin "Carta de Ano Novo')*

Iniciamos o ano com alegria e convicção redobradas. Nossa rotina aos poucos voltava a ser como fora um dia.

Após um período de intenso sofrimento, 1974 foi um ano maravilhoso, marcado por muita luz e grande felicidade para a nossa família. Renato voltou à escola e depois de dois meses foi realizado um concurso de desenho entre alunos. O tema era livre. Para minha felicidade e orgulho, o desenho de meu fi1ho foi eleito um dos melhores. Ele escolheu o tema "Flores". Quando vi aquela imagem, lembrei-me imediatamente da frase do Buda e coloquei o título "O inverno nunca falha em se tornar primavera" e, até os dias de hoje, guardo com carinho esse desenho. Ele transformou-se na capa deste livro, onde conto a trajetória de nossa vida.

Naqueles primeiros dias de janeiro, recebemos uma triste notícia. A sobrinha do sr. Sérgio, que recebera o mesmo tratamento que meu fi1ho, falecera de pneumonia. Na mesma época, morria também o presidente da França, Pompidou, de linfossarcoma em 2 de abril de

1974. Os jornalistas eram unânimes em afirmar que, apesar da grande luta que o dirigente francês havia travado contra aquela terrível doença, utilizando todos os recursos disponíveis, realizando tratamento na Suíça, Alemanha e nos Estados Unidos, infelizmente, ele havia falecido.

Sentia um misto de tristeza e alegria. Afinal, minha família sem os recursos financeiros e tecnológicos que pudessem se equiparar aos do presidente francês, conseguira derrotar aquela doença.

Percebi que a nossa inquestionável vantagem era a devoção à prática budista, afinal, a fama, a riqueza e o poder eram totalmente inúteis no momento final.

Soubemos que o senhor Izumi retornaria ao Brasil para uma breve visita, e que havia manifestado vontade de nos reencontrar.

No dia 9 de novembro de 1974, nos dirigimos à sede da BSGI para o encontro. Fiz um retrospecto em minha mente desde que o encontrara pela primeira vez, quando fui ao seu encontro em completo desespero em busca de ajuda. Naquele instante, constatei que meu fi1ho já não corria nenhum risco de morte e que sua recuperação era notória.

Nunca em minha vida sentira uma euforia tão grande, uma paz, uma compreensão tão extensa. Contudo, eu não podia exprimir aquele processo todo em palavras, nem mesmo em pensamentos. Mas dentro de mim eu tinha a certeza de estar me dirigindo àquele reencontro de forma vitoriosa.

Naquele dia, Renato estava completando o seu décimo primeiro aniversário, e eu sabia que aquela data só estava sendo comemorada porque havíamos comprovado os benefícios da prática budista em nossa vida.

“Reencontrá-lo é o melhor presente que poderia receber!”, exclamou o Renato ao cumprimentar calorosamente o senhor Izumi.

“Jamais permitam que o Renato se afaste do *Gohonzon*. Criem seu filho de maneira que nunca se esqueça da grande missão que possui. Contarei este maravilhoso relato de comprovação ao presidente Ikeda. Tenho certeza que ele ficará extremamente feliz.

Percepções

Renato estava muito saudável. Não apresentava mais nenhum sintoma da doença, comia normalmente, queria doce, salgado, tudo de uma vez, como uma criança normal. Tinha tanto apetite que às vezes pedíamos que não comesse tanto, pois poderia passar mal. Seu aspecto era vigoroso. Ele brincava com os irmãos e com os primos que iam visitá-lo. Sua percepção e sensibilidade afloravam a cada dia. "Vamos fazer de conta que a humanidade está em cima da palma da minha mão. Na ponta do dedo polegar tem uma bala de doce-de-leite; no mindinho, um pirulito; no dedo anelar uma paçoca e, no indicador, um chiclete. Cada um escolhe o seu caminho. Mamãe, nós escolhemos o dedo médio, que é o caminho mais íngreme e com muitos obstáculos, o mais longo e difícil de ser percorrido, mas, em compensação, na sua ponta existe uma caixa de bombons, que estamos saboreando e vamos saborear por toda a vida e, ainda, dividiremos com outras pessoas" falava para Satiko e voltava a brincar, como se tivesse falado algo muito normal para uma criança de apenas 11 anos.

Muitas vezes eu presenciava os diálogos que Renato tinha com Satiko e ficava maravilhado com o que falava.

Um dia perguntei para ele o que sentia, realmente, quando dizia que conversava com o *Gohonzon.*

"Primeiro sinto uma força e coragem dentro do meu peito que atravessaria o cemitério à meia-noite, sozinho e tranqüilamente. Depois, uma vontade de que todos sintam a mesma alegria que eu e,

em seguida, um desejo imenso de *zummmm*, sair voando e entrar no *Gohonzon"*.

"Como um menino de 11 anos poderia ter essa compreensão?" , indagava-me, impressionado. Agradecia a meu filho a experiência que havia proporcionado a mim, ao meu espírito e ao meu crescimento como ser humano.

Nos dias mais tristes daquele período, ia para a janela e observava por horas os pés de jacarandás plantados na rua da minha casa. Eles não tinham nenhuma folha sequer, mas estavam sempre repletos de flores roxas. Quando olhava para eles, sentia uma sensação ruim, que me lembravam a morte. Mas naquele dia, quando olhei pela janela e vi os jacarandás, senti uma imensa alegria. Consegui enxergar diversas tonalidades de roxo em suas flores.

Percebi, então, que minha percepção também passara por uma drástica mudança. Sabia que outrora não fora capaz de enxergar a beleza dos jacarandás porque tinha um baixo estado de vida. Senti que, com o decorrer de minha prática, havia elevado minha condição de vida. O que me possibilitava ver beleza e cor onde antes só existia dor. Lembrei do princípio budista *Esho-funi* - que havia estudado quando me preparava para o Exame do Budismo - mas só naquele instante entendi a sua essência, que fala da inseparabilidade da vida do ser humano e do seu ambiente.

De acordo com o Sutra, se a mente de uma pessoa é impura, sua terra também será impura. Pelo contrário, se sua mente for pura, assim será sua terra. Em resumo, não há duas terras - pura e impura - ao mesmo tempo. A diferença está na mente, boa ou má, das pessoas. *(Escrito de Nitiren Daishonin "Sobre atingir o estado de Buda')*

A prova real

Uma noite, inesperadamente, Satiko pediu-me que retornássemos ao hospital para mostrarmos o resultado de nossa determinação aos médicos que duvidaram que salvaríamos o nosso filho. Discordei terminantemente, alegando que não precisávamos agir daquela forma; afinal, eles tinham agido corretamente segundo suas convicções.

Realmente, nosso filho estava totalmente curado, não tomava mais nenhum tipo de medicamento, apenas vitaminas para fortalecer o seu sistema imunológico, mas não precisaríamos provar aquilo a mais ninguém, bastava que fôssemos felizes e que Renato continuasse saudável. Satiko tentou argumentar, mas eu a impedi.

Em julho de 1975, soubemos que aconteceria um curso de aprimoramento no Japão para praticantes brasileiros. Decidimos que Satiko e Renato iriam. Tínhamos muita gratidão e queríamos expressá-la, pessoalmente, ao presidente Ikeda, por ter fundado a BSGI e, desta forma, proporcionado a mim e à minha família a oportunidade de praticar o Budismo de Nitiren Daishonin e vencer a etapa mais difícil e crucial de nossas vidas.

Ao todo, foram ao Japão cerca de 375 membros de várias regiões brasileiras, que foram divididos em três grupos distintos.

Durante o treinamento, Renato e Satiko tiveram a oportunidade de conhecer vários companheiros de outros países e juntos compartilharam a alegria que sentiam por serem membros da SGI e por estarem atuando em prol da felicidade das pessoas.

Quando retornou, Satiko me contou que, em diversas reuniões de palestra das quais participou, junto com meu fi1ho, como convidados estrangeiros, a impressão da comprovação da força do *Nam-myoho-rengue-kyo* dentro da luta para vencer o câncer foi tão marcante que vários japoneses simpatizantes decidiram praticar a filosofia budista.

No regresso ao Brasil, o grupo em que estavam meu fi1ho e minha mulher, recebeu a notícia de que uma repentina mudança acontecera na escala da companhia aérea. Seus integrantes seriam obrigados a ficar em Los Angeles por um dia e haviam sido presenteados, pelos praticantes budistas da localidade, com um passeio para a Disneylândia.

Quando atendi o telefone e Satiko começou a me contar, fiquei boquiaberto. Não consegui conter as lágrimas em meus olhos, meu sentimento de gratidão e compreensão da vida intensificaram-se ainda mais. Meu coração transbordou de alegria e compreendi que a vida é realmente preciosa, quando seguimos uma fi1osofia que nos proporciona crescimento espiritual, por meio de grandes comprovações reais.

Quanto mais eu prestava atenção às suas palavras, mais inacreditável se tornava tudo aquilo. Só o grupo de Satiko e Renato parou em Los Angeles, os outros dois estavam regressando normalmente ao Brasil. Meu fi1ho conheceria a Disneylândia. Como poderia?

Não escutava mais Satiko que, eufórica, tentava me contar os detalhes. Por suas descrições e impressões, tinha de concluir que aquele presente dos membros dos Estados Unidos fora, misticamente, oferecido à minha família.

Fora a primeira vez, e talvez tenha sido a última, que tal fato acontecera durante uma peregrinação. Os membros do Brasil não foram informados, inicialmente, por se tratar de uma surpresa que os membros dos Estados Unidos haviam preparado.

Viagem ao Japão. Renato, Tereza, Satiko e Sidney Tojer (1975)

Quando desliguei o telefone, dirigi-me imediatamente ao *Gohonzon* e recitei um vibrante *Daimoku* de agradecimento. Não havia meios lógicos de explicar tal fato, mas estava acontecendo. Fui tomado por uma grande emoção e senti o importante papel de nossa determinação e fé.

Senti que a lei de causa e efeito que permeia todo o universo é realmente infalível. Percebi que nossa vida é o resultado de todos os atos efetuados por meio de nossos pensamentos, palavras e ações. Não existe o acaso. Determinei que o meu filho conheceria a Disneylândia com saúde, e assim aconteceu.

> Indubitavelmente, com o aparecimento dos três obstáculos e quatro maldades *(Sansho Shíma)*, o sábio se alegrará e o tolo se acovardará. *(Escrito de Nítíren Daíshonín "Resposta a Myoe-no-sakan* ')

Dois anos após a recuperação total de Renato, comecei a ceder a minha casa para a realização de reuniões da BSGI, com o objetivo

de divulgar cada vez mais o Budismo de Nitiren Daishonin e proporcionar, à maior quantidade de pessoas possível, os benefícios da prática budista. Afinal, tinha alcançado a maior vitória de minha vida, que era a cura do meu filho, e, a cada dia, tinha comprovações de que a sua prática era verdadeiramente infalível.

Quinzenalmente, realizávamos reuniões voltadas para pessoas que queriam informações sobre o Budismo de Nitiren Daishonin. As reuniões, lideradas pela responsável Dirce, profunda conhecedora do budismo, eram preparadas especialmente para esclarecer dúvidas sobre a filosofia budista e explicar seus ensinos básicos.

Como anfitrião, fazia questão de receber os participantes com um caloroso abraço e um sincero "bem-vindo!"

Certo dia, ao abrir a porta de minha residência, tive uma surpresa. Meu semblante mudou drasticamente, fiquei mudo e não consegui articular minha cordial saudação. Quem estava lá, na porta, para assistir uma reunião budista, era a Dra. Karina, a mesma médica que, cerca de dois anos antes, havia discutido com Satiko, chamando-a de "mãe desalmada".

Senti a ansiedade enchendo meu peito. Fiquei tão agitado que não conseguia manifestar nenhuma reação. Depois daquele episódio, não tínhamos voltado ao hospital. Nunca mais tínhamos encontrado nenhum dos médicos que cuidaram de Renato.

"Venha ver quem está aqui. Venha, filho. Venha cumprimentar a dra. Karina", foram as únicas palavras que consegui pronunciar, após aquele silêncio.

Ao ver meu filho se aproximando, feliz e cheio de vida, com brilho nos olhos e com um sorriso enorme estampado no rosto, ela ficou atônita. Parecia que tinha visto um fantasma; começou a passar mal e nem conseguiu cumprimentar meu filho.

Renato correu para buscar um copo de água com açúcar para dar à médica. Suas pernas tremiam tanto que foi necessária a minha ajuda para segurá-la e mantê-la de pé. Naqueles instantes intermináveis, enquanto esperávamos o copo d'água, conduzi-a até a cadeira mais próxima.

Seu marido, médico de um hospital especializado em defeitos da face, que a acompanhava, não entendeu a reação da esposa.

Ele me explicou que, observando a surpreendente melhora de uma paciente, uma praticante budista que freqüentava as reuniões em nossa localidade desejou conhecer a filosofia budista e recebera um convite e trouxe consigo sua esposa.

Mesmo consternada com a situação, a Dra. Karina expressou o desejo de participar da reunião e permaneceu no local, mas não conseguiu. Assim que iniciamos a palestra, ela pediu para se retirar, pois estava passando mal.

Antes que fosse embora, Dirce solicitou que ela relatasse a gravidade da doença do meu filho.

"Acompanhei desde o início o tratamento deste menino", disse, apontando Renato. "Seu quadro clínico era tão grave que solicitamos que fosse internado e sedado até a morte". Falava virando e revirando as mãos, sem olhar para ninguém. "Discuti com sua mãe, pois ela não concordou com as ordens da junta médica e foi embora do hospital dizendo que salvaria seu filho", continuou ela.

"Não acredito que esteja vivo. Isto é inconcebível para mim", concluiu ela e saiu da sala soluçando, ao lado do marido.

O que ocorreu parecia uma encenação programada para impressionar as pessoas que participavam pela primeira vez de uma reunião budista. Não imaginávamos que aquilo aconteceria um dia. Muitos dirigentes que atualmente são responsáveis pela administração da BSGI estavam no local e ficaram impressionados com o que viram e ouviram. Sidney Tojer era um dos presentes.

Olhei para minha esposa e era inegável o seu ar de satisfação.Podia senti-lo de longe.

"Não concordou que levássemos o Renato até o hospital para ser visto por ela. Meu desejo foi tão profundo que foi capaz de trazê-la à nossa casa. Isto é a comprovação da lei de causa e efeito", falou-me Satiko, ao término da reunião.

Consistência do início ao fim

O sol brilhava intensamente desde a manhã. Fazia calor. Percebia-se que o caminhão que entregava gás se aproximava cada vez mais, tocando sua música característica. Estávamos todos em casa naquele sábado. Nesse dia, os principais jornais da capital estampavam grandes manchetes: "A polícia procura o charlatão do câncer". E seguiam: "A polícia está no encalço do charlatão do câncer, que há anos vem lesando doentes desesperados acenando-lhes com métodos infalível de cura." Conforme o noticiário, muitas famílias que perderam seus entes queridos com o tratamento denunciaram-no à polícia. Acredita-se que ele tenha fugido para o Paraguai. Apesar de tudo, charlatão ou não, ele foi para mim um homem muito importante, uma pessoa que ajudou a modificar radicalmente minha vida. Tenho gratidão por ele. Creio que o seu aparecimento em nossa vida não foi por coincidência; estava, sim, destinado. Ele exerceu seu papel como instrumento da Lei Mística e para nós isso fora o bastante.

Foi a única pessoa capaz de "curar" o meu filho neste mundo de bilhões de habitantes. "Curar" no sentido de dar esperança com suas fórmulas. Pois a cura mesmo foi resultado de nossa convicção e da prática sincera do *Nam-myoho-rengue-kyo* ao *Gohonzon*.

Por falar em bilhões de pessoas, somos mais de dez milhões nesta capital de São Paulo, e é difícil crer que a Dra. Karina tenha vindo à minha casa, espontaneamente, só porque a Satiko a desafiara dizendo que um dia iria mostrar o Renato vivo para ela.

É tudo muito místico! É inexplicável.

Na ocasião da problemática do clero, não me lembro precisamente a data, recebi dois ex-dirigentes da BSGI em minha casa. Eu era responsável de distrito e eles queriam me convencer a afastar-me do presidente Ikeda. Respondi-lhes que eles próprios me ensinaram a jamais afastar-me do mestre, houvesse o que fosse. Disse-lhes também que não seria capaz de trair o homem que me ensinou a extrair os benefícios do *Gohonzon* para salvar o meu filho da morte.

Tremo só de pensar na seguinte possibilidade: e se o *Sensei* não tivesse vindo ao Brasil no dia 19 de outubro de 1960? Naquela época, ele estava bastante enfermo, cansado e com febre alta, mas aqui veio arriscando a própria vida para plantar a semente do Budismo de Nitiren Daishonin em terras brasileiras. Apenas doze anos antes de eu iniciar a prática provisória, em outubro de 1972. Se o presidente Ikeda não tivesse vindo daquela vez, eu não estaria escrevendo este livro. E como seria a minha vida hoje?

Por isso é grande a minha gratidão ao presidente Ikeda. Ele será o Mestre de minha vida por toda a eternidade.

Certo dia convidei a D. Sílvia e o sr. Saito para um jantar no restaurante do hotel onde trabalhava. Conversamos de vários assuntos sobre a organização.

Na ocasião, D. Silvia disse que em qualquer religião ou filosofia que se pratique é natural que haja problemas de todos os tipos, porque todas elas são administradas e dirigidas por seres humanos, portadores de ciúmes, inveja, vaidade, orgulho e ganância. A nossa não é diferente. A história mostra que até houve casos de traição. Afinal, todo mundo está revolucionando a vida. O pior inimigo não é aquele que vem de fora, mas sim o que está dentro de nosso meio e convívio. O leão, rei da selva, não teme nenhum outro animal, mas um verme dentro do seu corpo poderá matá-lo. Portanto, o importante é basear-se unicamente no *Gohonzon* e na pessoa iluminada do presidente Ikeda pois, assim fazendo, nunca terá decepções.

Da mesma forma, prosseguiu D. Silvia, no caminho da nossa fé

acontece a mesma coisa. O pior inimigo, que tenta impedir a nossa prática, não vem de fora, mas sim do nosso interior.

O mais importante é recitar somente o *Nam-myoho-rengue-kyo*, de tal modo que possa alcançar o estado de Buda. Tudo depende da força de sua fé. *(Escrito de Nitiren Daishonin "Resposta à Dama Nitinyo ''*)

Mais um grande obstáculo

Em 1988, Renato formou-se em Administração de Empresas pela Fundação Getúlio Vargas. Casou-se, em 1992, com Cecília, filha do meu grande amigo Tadashi. Em 1999, Cecília e Renato nos deram uma grande alegria, um lindo neto chamado Guilherme.

Aprendi ao longo dos anos, que viver é enfrentar as adversidades, dia-a-dia. Como continuamos vivos, sempre estaremos em batalha. Enfrentar os obstáculos que repentinamente aparecem em nossa vida, abalando nossa rotina e mexendo com nossa estrutura, com o espírito forte e invencível será nosso eterno desafio.

Jamais esquecerei o dia 29 de julho de 2003. Renato estava com 41 anos e após ter enfrentado o câncer, na infância, desfrutava de ótima saúde. Mas, na madrugada daque dia acordou subitamente com fortes dores de cabeça. Sentia tontura, dificuldade para se expressar e ânsia de vômito e, em instantes, sua pressão arterial aumentou. Cecília, em desespero, correu com Renato para o hospital. Quando nos telefonou, fomos rapidamente para lá.

Após a realização de vários exames preliminares, não obtivemos nenhum diagnóstico que justificasse um sintoma tão grave. Então, os médicos realizaram uma tomografia minuciosa e, quando o exame foi concluído, o neurologista que estava cuidando de seu caso, nos informou que Renato sofrera um Acidente Vascular Cerebral Isquêmico, decorrente da obstrução das duas artérias localizadas dentro da coluna vertebral que irrigam o cerebelo.

“Sua pressão arterial não pára de subir, por isso ele será transferido, urgentemente, para a Unidade Tratamento Intensivo (UTI) , pois corre um grande risco de morte”, disse o médico.

> Muitas pessoas ouvem e abraçam este Sutra, mas quando o fazem, ocorrem dificuldades e somente poucas delas conseguem continuar em sua fé. Aceitá-la é fácil, mas mantê-la é difícil. Porém, a iluminação encontra-se no ato de mantê-la. *(Escrito de Nitiren Daishonin “Resposta a Shijo Kingo”)*

Ao me deparar com aquela situação, um filme passou, em poucos instantes, em minha mente. Meu filho, novamente, corria um grave risco de morte. Mas diferente do que acontecera há cerca de trinta anos, eu não me desesperei.

Mantive-me calmo e sereno. Em nenhum momento me apavorei. Sentia uma grande segurança, pois sabia que seríamos, novamente, vitoriosos. Minha confiança e fé no *Gohonzon* eram tão fortes que me sentia seguro da comprovação de mais uma vitória da vida contra a morte. Antes de nos dirigirmos ao hospital, eu e a Satiko oramos urna hora de *Daimoku* com muita fé.

A sogra do Renato, que também estava no hospital, ao ouvir o diagnóstico do neurologista imediatamente abateu-se.

“Marina, isso dará um novo relato, não acha?”, brinquei com ela para animá-la.

Naquele momento, percebi, que durante meus anos de prática, mais do que uma forte fé, eu havia conquistado uma fé consistente.

Percebi também que tudo havia se transformado. Não estávamos sozinhos. Não éramos apenas eu, Satiko e Renato que lutávamos por sua vida. Além de muitos companheiros da organização, cerca de quinze membros de nossa família, assim que souberam o que estava acontecendo, iniciaram uma corrente de *Daimoku* pela rápida recuperação do meu filho.

Ao retomarmos para nossa residência, prontamente começamos a recitação do *Daimoku* madrugada adentro. Comunicamos o ocorrido

ao Ricardo, que estava no México, e, de lá, juntamente conosco, meu filho enviava *Daimoku* ao irmão.

A ressonância magnética feita no hospital acusou que 25% do cerebelo fora afetado com a falta de oxigenação sanguínea, significando que aproximadamente um quarto das células nervosas do cerebelo haviam sido comprometidas, sem a possibilidade de qualquer recuperação ou reposição.

Os médicos foram categóricos ao afirmar que, se Renato não morresse, a possibilidade de seqüelas seria muito grande.

"O cerebelo é responsável pela coordenação motora, equilíbrio e movimentos involuntários como a respiração. Não há nada há fazer", explicou-me o neurologista.

Após as análises dos exames, descobriu-se que a causa da obstrução foram as radioterapias a que meu filho havia se submetido quando teve câncer. Segundo o diagnóstico, as artérias localizadas na região do pescoço, inclusive as duas carótidas, ressecaram e endureceram em conseqüência da radiação, impedindo a passagem de sangue para irrigar o cérebro. "Das quatro artérias duas estão completamente entupidas, outra comprometida e, apenas uma está funcionando normalmente", explicou o médico

Dada a gravidade do quadro, com intuito de amenizar a situação, quando fui visitá-lo na unidade semi-intensiva brinquei: "Renato, pelo menos você está livre de vampiros, pois as carótidas são as artérias preferidas por eles". Ele me olhou e sorriu. Naquele instante, senti que estava convicto e que sairia ileso daquela situação. Conhecia aquele olhar.

Após quatro dias internado na UTI, Renato foi transferido para um quarto com tratamento semi-intensivo, pois reagia muito bem aos medicamentos.

"Pai, a sala da UTI parece mais uma loja às vésperas do Natal. A luz ambiente não se apaga nunca. Os médicos andam de um canto ao outro. Todos os pacientes que estão ali, lutam pela vida. Infelizmente, presenciei inúmeros casos de pessoas que não conseguiram ser vitoriosas", contou-me Renato quando saiu da UTI. "De verdade? Não me senti, em nenhum momento, correndo risco de morte.

Senti uma tranqüilidade intensa e sabia que sairia dali. Parecia que estava em férias, num hotel cinco estrelas. Aproveitei os momentos que passei lá para descansar e colocar os pensamentos em ordem."

Aquelas palavras de Renato me mostraram como estava forte diante daquela dificuldade.

"Mesmo sabendo que todos vocês estavam ao meu lado, torcendo para que eu me recuperasse, os momentos que passei na UTI me evidenciaram que, na verdade, estamos todos sozinhos. Esse é nosso estado de ser. Mas morrer sozinho não significa que devemos morrer em solidão. Ao fundirmos nossa vida à vida do universo, levamos em nossa essência nossas realizações e também nossas pendências. Aqueles dias me proporcionaram uma profunda reflexão. Percebi a importância de vivermos impecavelmente, mantendo uma existência sem arrependimentos, sem obras inacabadas e- sem muitos sonhos ainda não realizados."

Nos calamos. Eu não conseguia pronunciar uma palavra. Mas aí uma força pareceu tomar conta de mim e me fez lembrar do depoimento de um companheiro budista que, nos últimos instantes de sua vida, declarou:

"Não podemos ir para a nossa próxima vida de bolsos vazios. Por isso, é importante acumular boas causas, momento a momento, dia após dia. Precisamos fazer o bem aos outros continuamente". Transmiti ao meu filho aquela experiência, comentando sua afirmação.

Lembrei-me de um diálogo que tive com a D. Dirce.

"D. Dirce, se não tivesse feito tantas peregrinações ao Japão, a senhora poderia ter comprado uma frota de fusquinhas (táxi)"

Ela respondeu: "Ishigami, não conseguirei levar essa suposta frota de fusquinhas no dia em que eu morrer." Ela quis dizer que só era possível levar a boa sorte que acumulara nesta vida.

Estava em casa recitando *Daimoku* para a melhora de Renato, quando o telefone tocou. Era Cecília. Estava eufórica e orgulhosa. Havia conversado com o neurologista que estava tratando dele. O médico afirmara a ela que Renato estava totalmente fora de perigo, enfatizando que sua recuperação fora espantosa e que ele era, realmente, um guerreiro.

"Graças à impressionante reação do organismo dele, vários capilares sanguíneos foram se desenvolvendo ao longo dos anos, subs-

tituindo parcialmente as duas artérias vertebrais obstruídas", disse o médico.

No décimo dia de internação, Renato recebeu alta. Dispensou a cadeira de rodas oferecida pela enfermeira e saiu do hospital andando, aparentemente sem seqüela nenhuma, abraçado com sua esposa.

Aquele não era um dia comum. Além de ter vencido mais uma vez a doença e ter prolongado sua vida, seu filho, Guilherme, estava naquele dia completando 4 anos de idade.

Quando chegou em casa, Renato teve a oportunidade de comemorar duplamente, com sua família aquela data, proporcionando a todos uma grande felicidade.

Eu e meus discípulos, mesmo que ocorram vários obstáculos, desde que não se crie dúvidas no coração, atingiremos naturalmente o estado de Buda. *(Escrito de Nitiren Daishonin "Abertura dos Olhos '*)

Transcreverei em seguida, trechos principais do relato de experiência de Cecilia, feito em uma reunião em sua comunidade, em setembro de 2003.

Gostaria de iniciar meu relato citando uma orientação do presidente Ikeda que muito me incentivou nos piores dias da minha vida. Ele diz: '~ certeza de que nossas orações serão respondidas é ainda maior do que o nascer do sol no leste a cada dia."

No dia 29 de julho deste ano, a minha rotina de vida foi bruscamente interrompida. Renato, meu marido, acordou-me de madrugada debatendo-se, quase sem poder falar, com fortes tonturas e ânsia de vômito. Minha mãe, que por sorte encontrava-se em casa, ajudou-me a carregá-Io até o carro e rapidamente fomos para o hospital.

Após realizar vários exames, não se chegou a nenhum diagnóstico. Foi, então, chamado um neurologista e iniciou-se uma série de exames,

Renato, sua esposa Cecilia e o filho Guilherme(2005)

entre os quais tomografia computadorizada, que acusou isquemia cerebelar devido ao entupimento de artérias que irrigam sangue para o cerebelo. Ao saber do resultado, fiquei em choque, sem acreditar no que estava acontecendo. Por ironia do destino, já tratei de vários pacientes na mesma condição. Sou formada em fisioterapia e trabalho em reabilitação neurológica.

Comecei a fazer Daimoku sem parar. O Daimoku era como se fosse o ar que eu respirava para manter-me em pé. O Renato foi para a UTI com todos os cuidados, pois corria risco de morte. A sua pressão arterial não parava de subir por causa do entupimento das artérias. A angústia e o desespero tomaram conta de mim porque, como fisioterapeuta especialista nesses casos, eu sabia exatamente tudo o que estava acontecendo com meu marido e as possíveis conseqüências.

O meu sofrimento era maior ao pensar nas seqüelas que ficariam em *meu marido, isso se não acontecesse o pior, a sua morte.*

Fiquei tão abatida que, certo dia, voltando do hospital para casa

comecei a tremer dos pés a cabeça e chorei desesperadamente, numa crise nervosa e completo descontrole emocional.

Sentei-me diante do Gohonzon e comecei a refletir e buscar razões do porquê de estar passando por tudo aquilo.

Vou abrir um parênteses e fazer um breve resumo do passado. Com nove anos de idade Renato teve câncer. Foi nessa ocasião que ele e sua família conheceram o budismo e se converteram por intermédio de meus pais. Assim, com objetivo de três milhões de Daimoku, no período de três meses, o Renato se salvou.

Esse relato me acompanhou sempre, mas para mim era apenas uma linda história da qual não participara. Então, pensei comigo: "Agora é minha vez de comprovar a força e a grandiosidade do Gohonzon." Compreendi que Renato estava dando-me essa oportunidade de deparar e transformar o meu carma em missão. Numa orientação, Sensei enfatiza que a oração constitui uma fusão da Lei fundamental do universo e nossa mente. Podemos comprovar isso com as engrenagens de uma máquina. Quando uma pequena engrenagem encaixa seus dentes aos de uma grande engrenagem, consegue se movimentar com uma força extraordinária, o que não aconteceria por si própria. Da mesma forma, quando fundimos o microcosmo de nossa própria vida à vida do universo, somos capazes de manifestar uma ilimitada força que nos permite superar quaisquer dificuldades. Seguindo essas orientações, à medida que eu fazia muito Daimoku, mais eu me fortalecia e o meu coração se enchia de coragem e otimismo. Fazia diariamente quatro horas de Daimoku determinando ao Gohonzon a cura de Renato e que ele saísse do hospital sem seqüelas. E foi o que aconteceu.

O Renato recebeu alta após dez dias de internação, dispensando a cadeira de rodas que haviam lhe oferecido. Era realmente incrível e inacreditável!

Com 25% de células nervosas mortas no cerebelo, sem possibilidade

de qualquer reposição, era para ele, no mínimo, estar numa cadeira de rodas, amarrado para manter-se sentado, e sem movimentos, como vi muitos casos na clínica onde trabalho.

O neurologista veio me perguntar qual a crença que praticávamos, pois ficou curioso e espantado por tudo ter dado muito certo e considerou o Renato uma pessoa de muita sorte.

Hoje, compreendo melhor as palavras do presidente Ikeda quando ele diz que justamente porque sofremos é que nos tornamos fortes e transmitimos tanta alegria - o brilho natural de quem ultrapassou e venceu todas as barreiras.

Finalizo agradecendo de todo coração:

Muito obrigado Gohonzon!

Muito obrigado Sensei!

Cecília

Em 2006, Renato completou, com muita saúde, 44 anos. Desde que se curou, tem lutado incansavelmente pela felicidade das pessoas, incentivando-as com seu exemplo de vida.

Na organização, ele é responsável de distrito e vice-responsável de regional.

Posso dizer que, só agora, aos 72 anos, compreendo o que significa a palavra felicidade. Hoje posso olhar para a minha vida e dizer que vivi uma existência plena e siginificativa. Ao recitar o *Daimoku* ao *Gohonzon*, sou tomado por um sentimento profundo de agradecimento, estabilidade e paz interior.

Hoje entendo que minha vida e tudo no universo faz parte de uma vasta rede viva e interconectada. Que a vibrante energia que chamamos vida flui pela eternidade, sem começo, nem meio e nem fim.

Aos iniciantes

Vários são os problemas e sofrimentos que um ser humano carrega, muitas vezes em razão de seu carma, tais como pobreza, doença, desarmonia familiar, vícios, acidentes entre outros.

Conheço o João que vive se queixando de seu chefe no serviço; a Jussara que reclama constantemente de sua sogra; a Sônia que vive dizendo que não tem sorte no amor; e o Ulisses que vive "metendo pau" no governo. Problemas pequenos e grandes, a verdade é que todo mundo sofre com isso. Não percebem que a solução para todos esses problemas do mundo e para os seus próprios males está em cada um deles. Como resolvê-los? Experimente praticar o Budismo de Nitiren Daishonin. É de graça, não custa nada.

Quem nunca experimentou açúcar não tem a mínima idéia do seu gosto ou sabor. Mesmo que alguém explique minuciosamente desde o plantio da cana, corte, processo de limpeza e purificação, decantação, evaporação, centrifugação e refinamento, não saberá o sabor do açúcar porque o seu conhecimento ficou somente na teoria. A única maneira de sentir o seu sabor é levando-o à boca. Analogamente, é preciso experimentar a prática do budismo. A teoria é importante, mas sem a prática nunca poderá sentir o beneficio do *Nam-myoho-rengue-kyo;* é preciso prová-lo.

Existem dois tipos de fé: *hi-no-shinjin* (fé como o fogo) e *mizu-no-shinjin* (fé como a água corrente). O primeiro tipo é característico da pessoa que se empolga no início da prática e logo se desencoraja, ou seja, a sua fé se apaga. O segundo, a verdadeira fé,

é comparada à água de um rio que flui incessantemente até chegar ao seu destino.

Nós, brasileiros, somos muito imediatistas. Conheço uma pessoa que praticou uma determinada religião por cerca de vinte anos. Não satisfeita veio experimentar o budismo, mas após alguns meses acabou desistindo, infelizmente.

Garanto que se essa pessoa tivesse persistido um pouco mais no budismo, não precisaria esperar longos vinte anos para sentir e comprovar a força e a validade do *Nam-myoho-rengue-kyo.*

Pretendo presenteá-la com um exemplar deste livro porque me preocupo com sua felicidade.

No Budismo de Nitiren Daishonin não existem mandamentos. Tudo é baseado em causa e efeito. Cada um é responsável pelo seu ato. Portanto, se quiser fumar, fume à vontade, não se esquecendo de que o efeito poderá ser câncer no pulmão.

Todo oferecimento que se faz ao *Gohonzon* com sinceridade, tal como acender velas e incensos quando estiver orando, oferecer frutas e folhas verdes, bem como oferecer qualquer coisa em prol do *Kossen-rufu,* reverterá em seu próprio beneficio.

A história de uma mulher pobre e sua lamparina

Na época de Sakyamuni, uma mulher pobre e muito devota, certo dia viu uma carreta com uma grande quantidade de óleo. Ao perguntar sobre o fato, responderam: “O rei a está oferecendo ao Buda Sakyamuni”.

A pobre mulher desejava ardentemente também oferecer *óleo* ao Buda. Como não tinha dinheiro, cortou os longos cabelos para vendê-los a fim de poder comprar um pouco de óleo, fazer uma lamparina e oferecê-la ao Buda.

A sua lamparina era insignificante em comparação às muitas doadas pelo rei.

Na noite em que Sakyamuni chegou à localidade, todas as lamparinas foram acesas para iluminar o recinto e, ao mesmo tempo, homenagear o Buda Sakyamuni.

Contudo, de repente, começou a soprar um vento muito forte que apagou todas as lamparinas, com exceção daquela doada pela pobre mulher.

O presidente Ikeda orienta que a posição social ou a situação econômica de uma pessoa não é o principal critério para avaliar a felicidade.

Qualidade ou quantidade de Daimoku, o que é melhor?

Sobre a questão acima, o presidente Ikeda faz uma analogia dizendo que o valor, ou se preferirem, a qualidade de uma nota de cem reais é superior a de uma nota de dez reais. Naturalmente a maioria das pessoas preferiria ter uma nota de cem reais a uma de dez. E, com certeza, possuir várias notas de cem reais é ainda melhor. Do mesmo modo, na fé, as orações sinceras e fortes são importantes. Tanto a quantidade como a qualidade são importantes.

Certa ocasião, o presidente Ikeda observou que orar uma hora de *Daimoku* não é pouco, e orar dez milhões de *Daimoku*, não é o suficiente.

Pequeno ou grande, para se fazer *Daimoku* deve-se ter um objetivo. Por exemplo, escrevo este livro acompanhado de muito *Daimoku*, buscando sabedoria diante do *Gohonzon* para que minhas palavras atinjam o coração dos leitores.

Em dezembro de 1957, Jossei Toda, segundo presidente da Soka Gakkai, cuja meta era fazer com que 750 mil famílias adquirissem fé no Verdadeiro Budismo de Nitiren Daishonin, anunciou as três diretrizes eternas da fé:

I) Prática da fé para criar harmonia familiar;
2) Prática da fé para conquistar a felicidade;
3) Prática da fé para vencer os obstáculos.

Mais tarde, Daisaku Ikeda, presidente da Soka Gakkai Internacional, acrescentou duas novas diretrizes:

4) Prática da fé para manter a boa saúde e obter longevidade;
5) Prática da fé para alcançar a vitória infalivelmente.

O senhor deve crer no Sutra de Lótus tal como anseia ardentemente por alimento quando está com fome ou por água, quando está com sede *(Escrito de Nitiren Daishonin "Resposta ao Lorde Ueno '*)

Sobre o autor

Foi atuando em prol das pessoas, dentro da BSGI, que me desenvolvi como ser humano.

O apoio que obtive da Divisão Feminina na época em que iniciei minha prática foi intenso e constante. Afinal, naquele período, a organização criava suas bases e existiam muito poucos membros na Divisão Sênior.

Serei eternamente grato àquelas senhoras que, com espírito altruísta de não poupar a própria vida, ajudaram minha família e estiveram presentes nos momentos cruciais de nossa vida, nos auxiliando e incentivando.

O desejo de salvar a vida do meu filho era tão intenso que me proporcionou um rápido desenvolvimento dentro da organização.

Desejava tão profundamente acabar com aquele sofrimento e me sentia tão acolhido e resoluto que, ao completar seis meses de prática, recebi a responsabilidade de cuidar do desenvolvimento de um grupo de membros. Não tardou muito tempo, fui indicado para responsável de bloco e, no mês seguinte, de comunidade.

Na época, não compreendia, mas ser responsável pelo desenvolvimento de outras pessoas amenizava meu sofrimento e me proporcionava a força necessária para atravessar as adversidades que apareciam dia após dia.

Sabia que recebia aquelas responsabilidades porque confiavam em mim e na minha determinação. Isso fez com que eu jamais

sucumbisse às adversidades e fosse derrotado. Pelo contrário, aque-las responsabilidades proporcionaram a minha vitória e impulsionaram o meu crescimento, sendo o meio mais rápido para o meu desenvolvimento.

Logo me tornei responsável de um distrito com quatro comunidades, triplicando o número de membros que estavam sob minha responsabilidade.

Fui obrigado a me desenvolver e a criar uma forte energia vital, capaz de abranger a minha vida e a dos que me cercavam. Naquela época, realizava duas horas diárias de *Daimoku*, com um único objetivo: criar valores humanos.

> Um general é a alma de seus soldados. Se um general perder a sua coragem, os seus soldados se tomarão covardes. *(Escrito de Nitiren Daishonin "Carta a Oto-Gozen '*)

Ao lado de Satiko me tomei responsável por uma regional, que englobava dois distritos.

Desenvolver aquela localidade foi um desafio ainda maior, mas estava disposto a enfrentá-lo. Sabia também que teria de redobrar meu objetivo de *Daimoku*. Juntos, Satiko e eu determinamos que realizaríamos 365 horas de recitação de *Daimoku* em menos de meio ano.

Um ano após nossa nomeação, fundamos mais um distrito e nomeamos muitos responsáveis, e comprovando mais uma vez que estávamos no caminho correto.

Lembro-me do semblante radiante de cada membro, pois todos, sem exceção, estavam comprovando na vida os benefícios da prática budista. Sentia-me leve e feliz atuando na organização.

Realizávamos diversas atividades para criarmos sólidos laços de amizade entre os membros. Éramos muito unidos e, nas atividades esportivas, essa união ficava evidente, pois nossa localidade conseguia sempre ganhar o primeiro lugar. Éramos uma verdadeira família.

Em pé: Renato, Cecília, Suely, Maricarmem e Ricardo.
Sentados: Satiko, Guilherme e Tadashi. (Novembro de 2006)

O dirigente que é ativo e dinâmico na organização, mas negligencia a prática do *Gongyo* e do *Daimoku*, nunca será uma pessoa verdadeiramente feliz e acabará se afastando da fé *(Jossei Toda.)*

Certa vez, fui convidado para participar de uma atividade voltada para as crianças (Grupo 2001, na época). Sabia que aquele convite não era por acaso. Minha responsabilidade foi falar àquelas crianças sobre a importância da recitação do Sutra.

O céu estava límpido e o sol irradiava um colorido laranja-claro intenso. Lembro-me que rodei de carro muitos quilômetros para chegar ao local.

Chegando lá, deparei-me com crianças felizes, de olhos brilhantes. Foi impossível não me lembrar de Renato, ao olhar aqueles rostinhos.

Fui muito sincero com eles e brinquei dizendo que o *Daimoku* era como a água, e o *Gongyo*, o sabonete. Fiz uma metáfora para que entendessem a importância de se recitar o Sutra, afirmando que só com

água era possível lavar as mãos, mas para que ficassem bem limpinhas era necessário usar o sabonete.

"Já faz algum tempo que não lavo minhas mãos antes de comer", disse um menino de cerca de oito anos.

Todos riram. Sabia que haviam entendido o que eu queria dizer. Senti-me muito feliz ao lado daquelas crianças, pois sabia que eram valores humanos que estavam sendo criados e que eu estava contribuindo, de alguma forma, para que fossem felizes.

Como esse houve muitos episódios inesquecíveis em minha vida. Sinto orgulho ao olhar o caminho que trilhei ao lado de Satiko e todos os companheiros. Fomos capazes de criar uma história de crescimento ininterrupto, em prol da felicidade das pessoas, em todas as organizações em que atuamos como responsáveis, e contribuir com o desenvolvimento do *Kossen-rufu.*

Em minha trajetória como dirigente, mais tarde, juntamente com minha esposa, fui nomeado conselheiros de área. Hoje pertencemos ao Distrito Campos do Jordão, Região Metropolitana Serra da Mantiqueira.

No último, exame de budismo que prestei, de grau médio para superior, não fui aprovado, mas a Satiko, sim. Renato também é grau superior no estudo do budismo. Digo com muito orgulho que a Elisa Kakuta, responsável pela organização no estado de Pernambuco, é minha sobrinha, filha de meu irmão falecido, Issao. Tanto ela como o seu marido Koichi são grandes valores na propagação do budismo na região nordeste.

Minha vida profissional

Repetindo o que escrevi no início, formei-me em contabilidade e sozinho vim para a Capital tentar uma nova vida. Foi um amigo, Tadachi Fuzihara, que me convenceu a vir para São Paulo, alegando que eu não tinha futuro permanecendo no interior. Eu era balconista do bazar de meu inesquecível tio, Akira Matsumoto, uma pessoa que ajudou muito a nossa família. Até hoje, eu e o Tadachi Fuzihara mantemos uma profunda amizade e, quando eu e a Satiko viajamos, ele e sua esposa Maria têm sido companhias indispensáveis. Numa das viagens que fizemos, N. Brun, nosso guia, distribuiu no ônibus um folheto que continha a seguinte história:

A história do burro

Um dia, o burro de um camponês caiu no poço. Não chegou a se ferir, mas não podia sair dali por conta própria. Por isso, o animal chorou fortemente durante horas, enquanto o camponês pensava no que fazer. Finalmente, o camponês tomou uma decisão cruel: concluiu que o burro já estava muito velho e que o poço já estava mesmo seco e precisava ser tapado de alguma forma. Portanto, não valia a pena se esforçar para tirar o burro de dentro do poço. Em vez disso, chamou os seus vizinhos para ajudá-lo a enterrar vivo o burro. Cada um deles pegou uma pá e começou a jogar terra dentro do poço. O burro não tardou a se dar conta do que estavam fazendo com ele e chorou desesperadamente. Porém, para surpresa de todos, o burro aquietou-se depois de umas quatro pás de terra que levou. O camponês finalmente olhou para o fundo do poço e se surpreendeu com o que viu. A cada pá de terra que caia sobre suas costas, o burro a sacudia, dando um passo sobre esta mesma terra que caía no chão. Assim, em pouco tempo, todos viram como o burro conseguiu chegar à boca do poço, passar por cima da borda e sair dali trotando. A vida vai lhe jogar muita terra, todo o tipo de terra. Principalmente se você já estiver dentro de um poço. O segredo para sair do poço é sacudir a terra que se leva nas

costas e dar um passo sobre ela. Cada um de nossos problemas é um degrau que nos conduz para cima. Podemos sair dos mais profundos buracos se não nos dermos por vencidos. Aceite a terra que lhe jogam, pois ela pode ser a solução, não o problema.

Comecei minha vida profissional trabalhando num escritório de contabilidade, em São Paulo. Ganhava pouco, mas lá aprendi muitas coisas. Não tinha dinheiro para almoçar e jamais esqueço que, nos três primeiros meses, durante o período de experiência, comia apenas pão e café com leite, pois não tinha dinheiro.

Aquela experiência, no início da minha carreira, me proporcionou muito crescimento. Amadureci e percebi, desde o princípio, que teria de lutar muito para conseguir vencer na vida.

> O sargo apanhado no mar de Guenkai é o mais saboroso. É porque tais sargos lutam nas altas ondas e se tornam mais fortes e robustos. *(Daisaku Ikeda)*

Após um período, consegui um emprego numa pequena empresa hoteleira. Sentia que estava progredindo.

Seguia sempre o conselho de minha mãe que afirmava, que se eu quisesse crescer como empregado em uma empresa, deveria dedicar-me ao máximo, como se fosse minha.

Pouco a pouco, fui assumindo novas responsabilidades e novos cargos. O mais interessante é que, cada vez que recebia uma responsabilidade nova na BSGI, também era promovido na empresa e minhas atividades aumentavam. Achava muito interessante aquele sincronismo entre a minha vida profissional e minhas atividades dentro da organização.

Um dia parei para refletir e percebi que, ao ingressar naquela empresa, em 1954, só havia cinqüenta apartamentos; porém, em 1978, ao receber a classificação de cinco estrelas, tínhamos atingido cerca de duzentos apartamentos para administrar. Constatei que ao dedicar-me para o crescimento daquela empresa, também estava me dedicando ao crescimento de minha vida.

Tadashi e Marina, eternos amigos. Satiko, Takashi e Guilherme.

ao dedicar-me para o crescimento daquela empresa, também estava me dedicando ao crescimento de minha vida.

Ao longo dos anos, desenvolvi uma sólida amizade com o proprietário-presidente, sr. Fabrizio Guzzoni. Entre as inúmeras gratificações que recebi estão os tratamentos médicos do Renato.

Aposentei-me em 1994, como diretor financeiro, sentindo que havia cumprido a minha missão profissional da melhor forma.

Carreguei todos aqueles anos uma orientação do meu mestre, Daisaku Ikeda, que declara que construir é difícil, requer muitos anos, muito esforço e dedicação. Mas destruir é tão fácil que se faz em segundos.

Por meio da fé, criei um sólido caráter e sempre me mantinha atento, para jamais cometer nenhum deslize, que produzisse uma queda que fosse capaz de destruir o que eu havia construído.

Fui muito feliz trabalhando com a família Guzzoni. Uma semana antes do falecimento do sr Fabrízio, em 2004, fui visitá-lo e escrevi em sua agenda, com letras enormes, *Nam-myoho-rengue-kyo*, e pedi que a

repetisse por três vezes comigo, desejando que em sua próxima existência tivesse a grande felicidade de encontrar a filosofia budista.

> Não se pode avaliar a qualidade de uma existência antes de seu término. O resultado final é decidido pela felicidade ou infelicidade nos últimos anos de vida. *(Jossei Toda)*

Hoje, após tantos beneficios conquistados, entre eles a vida de meu próprio filho, compreendi a importância e o significado do espírito de gratidão.

Todos os anos comemoro com a minha família o dia 4 de fevereiro, dia em que consagrei o *Gohonzon* em minha casa. Reúno os meus familiares e, juntos, realizamos um vibrante *Gongyo* de agradecimento por todos estes anos de contínuas vitórias.

> É extremamente raro nascer como ser humano. Não somente o senhor está dotado de vida humano, como possui a rara sorte de encontrar o budismo. Além disso, dentre os muitos ensinos teve a sorte de encontrar o *Daimoku* do Sutra de Lótus e tornou-se seu devoto. Na verdade, o senhor serviu a dezenas de bilhões de Budas em suas existências passadas. *(Escrito de Nitiren Daishonin "Carta a Jukuniti-Bo '*)

Tenho uma velhice tranqüila e feliz. Amo o mar, a montanha, o alvorecer e o pôr-do-sol, a chuva, o luar, enfim, amo a natureza, que é bela e perfeita. Ainda mais eu que conheci o horror do inferno, o valor que sinto por este paraíso maravilhoso é imensurável! Amo a vida intensamente! Penso a todo momento: "Que coisa maravilhosa foi ter-me encontrado com o Budismo de Nitiren Daishonin, estar neste belo mundo, neste tempo maravilhoso, juntamente com o presidente Ikeda."

Nunca passou pela minha cabeça que já realizei tudo aquilo que desejava. Tenho ainda muitos projetos e objetivos na vida, voltados principalmente para o *Kossen-rufu*, como a publicação deste livro por exemplo. Vivo cada instante como se fosse o último, pois tenho a consciência de que o dia de hoje nunca retornará. Como sempre gostei de viajar, atualmente é o que mais faço. Junto com a Satiko, às vezes viajo para passear, outra, para propagar o budismo e incentivar pessoas. Estou desfrutando intensamente a boa sorte que acumulei com a prática"

Estou atualmente com 72 anos de idade. Nasci no mesmo mês em que nasceu o presidente Ikeda, em janeiro, e sou capricorniano como ele, com orgulho. Tenho 33 anos de prática, converti-me ao budismo em 4 de fevereiro de 1973, no mesmo mês em que nasceu o Buda Original Nitiren Daishonin. A transformação que tive na minha vida com a prática foi espantosa.

Mesmo praticando o budismo, tive altos e baixos em minha vida. Enfrentei preocupações, dificuldades e obstáculos, mas nunca esmoreci na prática e consegui superá-los sempre com intenso *Daimoku*, pois o budismo é persistência. Sofri barbaramente com a doença de meu filho, mas valeu a pena. Cresci muito interiormente e adquiri a convicção de jamais afastar-me do *Gohonzon* aconteça o que acontecer.

Não obstante a religião que pratiquemos, sabemos que da morte não escapamos. Com a prática do budismo me fortaleci muito. Sinto que no dia em que ocorrer tal infortúnio na minha família estarei preparado para enfrentar a situação com coragem e serenidade. Não tenho, porém, nenhuma pressa. Que seja daqui a muitos anos e que eu seja o primeiro.

Não temo a morte. Quando chegar a hora, quero morrer em paz e feliz com todos os meus filhos cheios de saúde, lutando por seus ideais, cumprindo suas missões e felizes. Gostaria que meu enterro fosse o mais simples possível só com a presença de meus familiares e amigos próximos. Não gostaria que deixassem o caixão aberto para evitar que todos me vejam morto. Preferiria, sim, que guardassem a minha imagem de quando vivo e dispensaria o velório.

Assim, pouparia as pessoas de visitarem por duas vezes o local por minha causa.

Desconfio que o assunto está ficando maçante e chato. Afinal, ficar lendo sobre meu funeral não deve ser nada interessante. Desculpe-me. Compensarei em seguida escrevendo algo divertido e gostoso de ler.

Uma pitada de humor

Eu era responsável de regional e fui uma vez severamente repreendido pelo meu superior, o responsável de área. É que, desde que era responsável de comunidade, tinha o costume de contar piadas nas reuniões e minha "má fama" foi crescendo com o tempo.

Disse ao meu "chefe": "Eu nunca conto piadas sujas ou apimentadas." Ele me respondeu meio bravo: "Mesmo assim! Todas as reuniões da Gakkai são consideradas sagradas e não são lugar para ficar contando piadas. O budismo é assunto sério!"

Deixei de contar piadas, mas como não sou mais dirigente, para não perder o hábito, contarei uma que considero bem engraçada:

Depois de uma longa doença, d. Aparecida veio a falecer e chegou aos portões do céu. Enquanto aguardava São Pedro, ela espiou pelas grades e viu seus avós, amigos e conhecidos passeando pelo jardim repleto de flores. D. Aparecida pensou naquele momento: "Lá na terra têm algumas religiões que não acreditam no paraíso após a morte..."

Quando São Pedro chegou com uma grande chave, ela comentou: "Que lugar lindo! Como faço para entrar?"

"Você tem de soletrar uma palavra e acertar de primeira no prazo de dez segundos", respondeu ele.

"Que palavra?"

"Amor."

Ela soletrou corretamente em cinco segundos e passou pelos portões. Dois anos depois, São Pedro pediu a ela que vigiasse os portões momentaneamente porque tinha algo a fazer, entregando-lhe a

grande chave. Para grande surpresa dela, apareceu seu marido, dizendo:

"Querida Aparecida, depois de sua morte casei-me com aquela bela enfermeira que cuidou de você, ganhei na loteria e fiquei milionário. Vendi a casa onde morávamos e comprei uma mansão. Minha mulher e eu viajamos pelo mundo todo. Que vida! Quando esquiava nos Alpes suíços, caí, bati com a cabeça e cá estou. Então, como faço para entrar nesse paraíso?"

"Você tem de soletrar uma palavra e acertar de primeira, em cinco segundos."

"Querida, qual a palavra?"

"Inconstitucionalissimamente. "

Em 1981, realizei meu grande sonho de ir ao encontro do sr. Daisaku Ikeda, em terras japonesas. Juntamente com diversos companheiros brasileiros desfrutamos momentos inesquecíveis, cheios de gratidão e com espírito de intensificar nossa luta pela felicidade das pessoas.

Nosso grupo estava concentrado em um hotel no centro de Tóquio que disponibilizava aos seus hóspedes dois tipos de café da manhã, ocidental e oriental.

Minha curiosidade de conhecer o café oriental era tamanha que, numa manhã, acordei bem mais cedo e dirigi-me sozinho até o salão onde era servido. Logo na entrada, encontrei a senhora Sílvia Saito e nos sentamos para dialogar durante o café.

"Ishigami *san*,[1] gostaria de compartilhar um desejo que venho acalentando há muito tempo. Tenho o forte desejo de renascer dentro da família imperial japonesa em minha próxima existência para levar a filosofia budista para estas pessoas", confidenciou-me.

Senti sua forte determinação em cada palavra que pronunciara. Sempre admirei sua fé e naquele instante percebi seu desejo de propagar amplamente a filosofia budista.

---

1) San equivale a "senhor" em português.

Até os dias de hoje venho mantendo a recitação de uma hora de *Daimoku* diário porque não quero que a minha bateria se descarregue. É como uma poupança; não deixe de fazê-la, pois um dia você pode precisar.

Conforme minha experiência, deve-se fazer o máximo de *Daimoku* com fé, ou mesmo sem fé. É lógico que leva uma enorme vantagem aquele que consegue fazer com fé, mas no início da prática acho isso muito difícil. Constantemente surgem dúvidas como: será que isso vai funcionar? Será que vai dar certo? Será que não estou perdendo tempo? No entanto, acho melhor fazer *Daimoku*, mesmo sem fé, acho melhor do que não fazê-lo, porque com o tempo ela virá, como foi no meu caso. Acredito que a fé chegará a um principiante quando ele comprovar a força do *Gohonzon* em sua vida e, para isso, com fé ou sem fé, é importante que recite o máximo de *Daimoku*. É como ferver água num recipiente de cinco litros. O tempo até a água chegar ao estado de ebulição vai depender de o fogo ser fraco ou forte. Seguindo esse exemplo, concluo que mesmo com fé fraca uma pessoa atingirá a meta, ainda que demore, desde que seja persistente. Quem tem carma leve conseguirá alcançar o seu objetivo com poucos litros de água, enquanto que para cortar um carma pesado, como foi o meu caso, será necessário uma caixa d'água de cinco mil litros, ou mais.

> Mesmo que fosse possível errar ao apontar a terra, que alguém fosse capaz de unir os céus, que a maré não tivesse fluxo nem refluxo, que o sol se levantasse no oeste, jamais aconteceria de as orações do devoto Sutra de Lótus ficarem sem ser concretizadas. *(Escrito de Nitiren Daishonin "Sobre a Oração")*

Uma pessoa lança o desafio de realizar um milhão de *Daimoku* num determinado prazo a fim de concretizar um objetivo. Vencido esse prazo, nada acontece apesar de ter orado sincera e fervorosamente ao *Gohonzon*. O presidente Ikeda orienta que, em vez de desanimar,

devemos renovar o nosso objetivo de *Daimoku* até conseguirmos a vitória final. Volto a falar sobre o ferver d'água. Se desistirmos no meio do caminho, a água que havíamos esquentado até determinado grau de temperatura voltará ao seu estado normal, frio. Deixar isso acontecer é realmente uma pena!

> A viagem de Kamakura a Quioto leva doze dias. Se desistir no 11º. dia jamais verá a linda lua da capital. *(Escrito de Nitiren Daishonin "Carta a Niike")*

O presidente Ikeda orienta que, quando nossa determinação muda, tudo começa a mudar na direção do nosso desejo. No momento em que você resolve ser vitorioso, todo o seu ser imediatamente se prepara para o sucesso.

Por outro lado, diz ele, se você pensa: "Isso nunca vai acontecer", nesse momento, todo o seu ser desiste e pára de lutar. E, assim, tudo se move no sentido da derrota.

O presidente Ikeda solicita que prestemos atenção à sutileza da mente humana. A maneira que você programa a sua mente, a atitude que você tem, influencia diretamente a sua vida e o seu meio ambiente.

O princípio budista que ressalta que um único momento da vida contém três mil mundos elucida o aspecto verdadeiro do poder da vida. Por meio de uma firme resolução nós podemos transformar nossa vida, aqueles à nossa volta e o lugar em que vivemos.

Ele afirma que, muitas vezes, oramos e desistimos quando as coisas não acontecem da maneira que queremos. Mas com que atitude estamos praticando? Devemos lutar com determinação por nossos sonhos. Nunca devemos fazer nada pela metade. Se em nosso coração acreditarmos que não conseguiremos, então, não conseguiremos. É muito importante a nossa atitude perante o *Gohonzon.*

A solução para tudo, diz o mestre, é o *Daimoku,* e se não acreditamos nisso, devemos recitar *Daimoku* até acreditar. Recitar para ter coragem de agir. Tudo de que precisamos está dentro de nós.

Por isso, devemos recitar *Daimoku* para extrair toda a nossa força interior.

O presidente Ikeda diz ainda que não devemos nos deixar enfraquecer e devemos lutar até conseguirmos. Mesmo que caiamos cinco vezes, devemos nos levantar seis. Nunca devemos desistir de lutar por nossos objetivos. Nós podemos mudar qualquer coisa, podemos mudar o nosso hoje e o nosso amanhã.

Para tanto, orienta o mestre, devemos ser corajosos, devemos desafiar aquilo que pensamos não ser possível conseguir. Se nunca desafiarmos o impossível, nunca conheceremos o verdadeiro poder do *Nam-myoho-rengue-kyo*. Nossos sonhos só podem ser realizados por nós mesmos.

Com essa orientação podemos entender que a vida de uma pessoa não é feita somente de vitórias, a derrota faz também parte de nossa vida. O importante é levantarmos todas as vezes que cairmos, fazendo da derrota o caminho para a nossa vitória final. É muito difícil ganharmos todas. Podemos perder algumas batalhas, mas nunca a guerra.

Hoje entendo que, quando tudo vai bem, sem nenhum problema, inevitavelmente caímos na rotina.

Sinto que só quando enfrentei grandes obstáculos fui capaz de me fortalecer. Mais que isso, pude sentir a verdadeira paixão pela vida e perceber sua grandiosidade.

Vivo de forma significativa e tenho uma existência valorosa. Compreendi que no mundo da fé no budismo todas as minhas dificuldades transformaram-se em grandes tesouros.

Descobri também que o "deus" que buscava no início da trajetória da doença de meu filho, encontrei no budismo. Nessa força universal que emana de dentro de minha vida e funde-se com esse imenso universo, dando-me a possibilidade de traçar meu próprio destino.

Quando eu, Satiko e Renato realizamos três milhões de *Daimoku*, meu segundo filho, Ricardo, que na época tinha apenas 7 anos, algumas vezes sentou-se diante do *Gohonzon* e recitou *Daimoku*. Chegou a recitar horas quando percebeu que o irmão estava sofrendo com fortes dores. Mas depois daquele período não seguiu a prática, e só vi recitar *Daimoku* algumas vezes, apenas quando tinha algum objetivo grande e queria conquistá-lo.

Formou-se em administração de empresas e, posteriormente, trabalhou em bancos multinacionais conceituados.

No início de 2000, foi convidado pelo banco em que trabalhava para transferir-se para a Cidade do México. Era uma ótima oportunidade de crescimento profissional e meu filho aceitou.

Percebi que sua missão aflorou quando esteve lá. Foi no México que sentiu a importância de aplicar a filosofia budista em sua vida e de lutar em prol de sua felicidade e de todos os mexicanos.

Ricardo sempre nos telefonava para contar as novidades. Certa vez, num dos telefonemas, disse-me que estava praticando o budismo. Que, além de recitar *Daimoku*, estava participando das atividades locais e propagando a Lei Mística.

Pouco tempo depois, ele me ligou novamente, contando que havia concretizado doze *Chakubuku* e que 26 estavam em andamento. Relatou-me que estava fazendo reuniões semanais em sua residência, onde compareciam cerca de quarenta pessoas.

Sinceramente, eu não acreditei em suas palavras. Pensava como fora possível uma transformação tão grande em sua convicção? Achava que estava brincando comigo. Afinal, aqueles números eram muito altos e quase impossíveis de serem atingidos em tão pouco tempo. Por outro lado, sentia que, ao ver minha convicção, ao viver todas as transformações que se passaram em nossa família, Ricardo, com certeza, desenvolveu uma forte fé dentro do seu ser que só fora evidenciada quando esteve sozinho.

Em novembro de 2004, juntamente com a Satiko, fui visitá-lo. Chegamos exatamente no dia em que se realizava uma importante reunião local em sua casa. Para minha surpresa, 48 pessoas estavam presentes, a maioria convidadas do Ricardo.

Senti-me muito feliz. Quando terminou a reunião, brinquei com ele que estava lá só para ver se estava falando sério. Rimos muito naquela noite. Sentia um enorme bem-estar ao ver como Ricardo havia se transformado.

Ficamos duas semanas no México. Ricardo nos mostrou a rica cultura e a história daquele país. Conhecemos as ruínas de Teotihuacan, as pirâmides do Sol e da Lua, e uma infinidade de lugares.

Ao aprofundar-me na cultura local, compreendi a grande luta do

meu filho ao propagar o budismo; afinal, as raízes religiosas daquele país são muito fortes.

Acompanhei Ricardo em três visitas familiares; fui a algumas reuniões e uma tornou-se muito especial. Era uma reunião de estudo e foi realizada na sede principal da SGI do México.

No dia, estavam presentes cerca de 120 pessoas e o tema do estudo era "Transformação do Carma Imutável". Quando soube do assunto que seria abordado fiquei admirado. Afinal, meu relato comprovava aquela teoria.

Uma agitação muito grande começou a se apoderar de mim. Sentia-me incapaz de me conter. Queria contar para todos a minha experiência de vida e, assim, incentivá-los.

Quando terminou a explanação teórica da matéria, levantei-me subitamente. Caminhei até o palco e fiz um breve relato de minha vida. Senti uma imensa alegria. Sabia que havia tocado o coração daquelas pessoas ao exemplificar com a minha vida os princípios budistas.

Os acontecimentos daquele dia tornaram-se inesquecíveis.

Olhei para Ricardo e tive a certeza de que sua ida ao México fora mais uma ação da Lei Mística atuando em nossa vida. Examinando-o, não pude deixar de sentir orgulho e admiração. Meu estado de exaltação era tão intenso naquele momento que tive vontade de chorar.

Conta o Ricardo que primeiramente ele converteu o Heraldo, colega do banco, e fazia reuniões de budismo só entre os dois.

Depois converteu mais um, e assim, sucessivamente, foi aumentando o número de participantes nas reuniões.

Ricardo, meu filho, tenho grande orgulho de você e citarei, em seguida, em sua homenagem, um *Gosho* de Nitiren Daishonin e uma orientação do presidente Ikeda

---

A princípio somente Nitiren recitou o *Nam-myoho-rengue-kyo,* mas então, duas, três e cem pessoas o seguiram, recitando e ensinando umas às outras. Isso acontecerá também no futuro. *(Escrito de Nitiren Daishonin "O Verdadeiro Aspectos de Todos os Fenômenos")*

Quanto mais forte é o senso de missão de propagar o Budismo de Nitiren Daishonin, maior é a boa sorte que se poderá acumular para construir uma vida feliz. *(Daisaku Ikeda)*

Naquela noite, Ricardo confidenciou-me que, após o início de sua prática, sua vida ganhara uma nova percepção. Que havia compreendido sua missão e se conscientizado dela. Que desde que tomara a decisão de cumpri-Ia, comprovava diariamente os benefícios da prática budista. Além disso, sentia-se protegido naquele país desconhecido e nada que acontecera fora capaz de atingi-lo.

"Fui capaz de ultrapassar todos os obstáculos e de ser vitorioso diante das maiores dificuldades", disse ele, resoluto.

Nunca havia visto meu filho falar daquela maneira. Disse a ele, de um modo muito franco e sincero, que me surpreendera com seu desenvolvimento e que sentia um grande orgulho de ser seu pai. Nos abraçamos emocionados.

O Ricardo regressou ao Brasil, adquiriu uma casa muito bonita com uma enorme sala no bairro do Morumbi e, como fazia no México, vem realizando reuniões de *Chakubuku* em sua casa.

Recentemente, ele foi nomeado responsável da Comunidade Giovanni Gronchi, fazendo par com a Soraya.

Nunca forcei meus filhos a praticarem o budismo. Deixei-os sempre à vontade para que pudessem escolher o caminho que quisessem seguir na vida. Contudo, sempre orei ao *Gohonzon* para que fossem protegidos, nutrindo, ao mesmo tempo, o imenso desejo de vê-los praticando. O despertar do Ricardo foi mais um objetivo concretizado em minha vida. Suely, agora só falta você! Como afirma um antigo ditado japonês: "As flores de cerejeira levam três anos para florescer e as de macieiras, oito". Então, convicto, aguardo ansiosamente o seu desabrochar.

Todos os dias renovo meus objetivos e tenho em mente que, se o que desejei ainda não ocorreu, é porque devo continuar com minhas orações até conseguir minha vitória final.

O *Gohonzon* é realmente absoluto!
A força do *Daimoku* é realmente extraordinária!

Atualmente posso afirmar, com toda minha convicção, que ganhei sozinho na loteria esportiva.

Carta de Satiko para Renato

Renato, meu filho,
Parabéns pelo seu aniversário!

Ao reler as cartas que o pai enviou para Tadashi, foi como se o passado tivesse voltado. Recordei-me de todos os nossos sofrimentos, a nossa luta e dedicação no *Daimoku* para salvar você. Renato, valeu a pena! Você está vivo e com saúde, usufruindo uma vida feliz ao lado da Cecília.

Obrigada por você ter sobrevivido; caso contrário, estaria até hoje chorando a sua ausência.

Renato, amo muito você, assim como amo a Suely e o Ricardo.

Faria por eles a mesma coisa que fiz por você.

Continue sempre o ser humano maravilhoso que você é.

Estou escrevendo porque jamais conseguiria falar isso pessoalmente, pois me emociono à toa.

Parabéns mais uma vez. Que você e a Cecília sejam muito felizes. Continue sendo o irmão carinhoso que é para o Ricardo e a Suely.

Amo todos vocês!

Beijos da mãe

Em 9 de novembro de 1997

Dedicatória

Dedico este livro à minha querida esposa Satiko, sem a qual não teria conseguido atingir a vitória. Tenho absoluta certeza disso. Se eu fazia uma hora de *Daimoku*, ela fazia duas; se eu fazia três, ela seis. Sempre Satiko fez o dobro de *Daimoku* para salvar a vida de nosso filho.

O *Daimoku* que uma mãe envia ao filho tem um valor incalculável porque a ligação que ela tem com ele é mais profunda do que a do pai.

Alguém disse: "Em qualquer religião que se pratique o Deus é o mesmo, apenas muda de nome!" Se eu pensasse assim, a Satiko seguiria o catolicismo e eu, o budismo. Mas não penso dessa maneira. Se optei pelo budismo é porque senti que salvaria o nosso filho. Sei que Satiko, naquela ocasião, tinha o mesmo pensamento em relação ao catolicismo. Mesmo contra a sua vontade e por certa imposição de minha parte, ela resolveu acompanhar-me no caminho que escolhi, e é por isso que tenho imensa gratidão a ela.

Dedico também ao Renato, que veio a este mundo como meu filho para me mostrar o caminho a seguir, para alcançar a verdadeira felicidade.

Não posso deixar de destacar também a pessoa de Luzia Chigusa, citada várias vezes ao longo da narrativa. Em momentos cruciais, a forte determinação e convicção estampadas em seus olhos me levaram a decidir e a crer que seria capaz de recitar milhões de *Daimoku* e ser vitorioso.

E, por fim, dedico este livro ao presidente Ikeda, meu querido Mestre, que me ensina, orienta e incentiva todos os dias para que eu possa trilhar sem errar o caminho para atingir, infalivelmente, o grande objetivo que é a iluminação, a felicidade absoluta, nesta existência

A todos, meu muito obrigado!

O *autor*

Posfácio I

Hoje, após completar 33 anos de prática budista, compreendo claramente que a nossa existência não é uma mera circunstância do acaso. Nascemos com uma missão que cabe somente a nós cumprir.

Consciente dessa missão como Bodhisattva da Terra, manifestei o desejo de nascer exatamente neste país, dentro desta maravilhosa família e nesta circunstância adversa. Hoje compreendo que escolhi manifestar uma das mais terríveis doenças com um único propósito de transformar o impossível em possível, com base na prática da fé. E, assim, comprovar a grandiosidade dos ensinos de Nitiren Daishonin, demonstrando seu real poder e incentivando outras pessoas a praticar e desfrutar do mesmo benefício.

Quanto maiores forem as dificuldades enfrentadas em nossas vidas, por mais difíceis que possam parecer, maior será a comprovação da veracidade da prática budista.

Participando da revisão deste livro me dei conta de que minha grande família vem correspondendo plenamente aos anseios do nosso mestre, o sr. Daisaku Ikeda.

Em seu poema "Brasil, Seja Monarca do Mundo", dedicado aos brasileiros em 22 de julho de 2001, consta:

Deixem seus méritos gravados
na história de suas contínuas vitórias!
A dificuldade no momento presente será a

gloria em seu futuro!
O *desbravar do caminho do novo século*
Será proporcional à sua caminhada!

Compartilhar com você a alegria e o orgulho de ser um dos protagonistas desta comprovação da fé possui, neste momento, um significado ímpar em minha vida.

Tenho a plena convicção de que, por meio deste livro, meu querido pai está deixando nossos méritos gravados nas "páginas" de nossas contínuas vitórias.

Evitar as lamentações e buscar a comprovação real da mudança das nossas atuais circunstâncias - este é o caminho para encorajar outras pessoas a seguirem nossos passos alicerçados na filosofia do Budismo de Nitiren Daishonin.

Recentemente, após relatar os maravilhosos beneficios conquistados ao longo destes anos, durante uma palestra sobre a filosofia budista, fui carinhosamente presenteado com um cartão que sintetiza todo este meu sentimento:

Renato,
Nós, budistas,temos muito a
agradecer por você, nesta
existência, ser um exemplo vivo
da força e do poder do
Nam-myoho-rengue-kyo.
Meus sinceros agradecimentos
Pelo prazer da sua visita.
Feliz 2006!!!

Maria do Carmo
Comunidade Bienal

Renato e família em Campos do Jordão.

Do fundo do meu coração, manifesto o desejo de que você possa, por meio da comprovação da minha família, adquirir a convicção de transformar o seu carma em missão. A missão de encorajar as pessoas a acreditar que podem transformar todo o sofrimento, em alegria, evidenciando a coragem e a energia de um Buda.

Agradeço aos meus queridos pais, Takashi e Satiko, aos meus irmãos, Ricardo e Suely, à minha amada esposa Cecília e ao meu filho Guilherme, aos familiares Tadashi e Marina, Haroldo e Rosana, Cassiano e Angélica, Celso e Márcia e, aos meus estimáveis companheiros da BSGI. Serei eternamente grato por compartilhar esta maravilhosa existência com todos vocês!

Em julho, de 2006.

Renato Ishigami

Posfácio II

Um inverno rigoroso é um livro fascinante. Não apenas por tratar de uma forma peculiar a questão da morte, mas por ser um verdadeiro relato de vida onde a esperança, a união e a determinação de uma família vencem a luta contra uma das piores doenças.

No decorrer de suas páginas, o leitor é levado a realizar um mergulho em sua própria alma e a refletir que a vida é feita de instantes e que, por esse motivo, é importante que cada momento seja vivido como se fosse o último.

Nesta história, a vida passa a ter um sentido único e a visão budista da morte é apresentada. Conseguimos entender que a morte não é discriminatória nem deve ser temida. Pelo contrário, deve ser vista como um período de descanso - como o sono - na qual a vida restaura suas energias e se prepara para um novo ciclo. Por isso, como escolher viver nossa existência é o ponto principal de reflexão apontado.

A vida ganha novas cores e beleza e percebemos ser fundamental ter uma existência baseada numa filosofia que nos permita viver plenamente, para sermos capazes de passar pelo período de descanso sem arrependimentos.

Quando aceitei este trabalho não tinha idéia de que estava ganhando um presente. Ao longo dos meses, nos quais estive junto com Renato Ishigami, relendo e adaptando o relato do seu pai sobre sua história de vida, tive a oportunidade de fazer uma reflexão profunda sobre questões internas e externas que envolvem a exis-

tência humana. Revi e expandi conceitos. Tornei-me mais sensível e consciente do meu lugar no universo e uma nova percepção do inter-relacionamento da vida que existe em nosso planeta agora faz parte de mim.

Fernanda dos Reis Pinheiro

Pós-escrito

Saiu uma reportagem interessante na edição do dia 12 de maio de 2005 do jornal O *Estado de São Paulo* sobre o pesquisador Johannes Hirata, que diz que a felicidade não se compra. Hirata é doutor pela Universidade St Gallen na Suíça. Segundo ele, na década de 1950, antes de o país se tomar uma potência econômica a renda média do japonês era próxima de 4 mil dolares ao ano. Hoje, chega a 30 mil. Apesar disso, não houve uma mudança significativa no grau de felicidade dos japoneses. Qual a explicação para isso? As pessoas se adaptam ao conforto, disse Hirata.

É fácil entender como funciona. Quando não se tinha acesso à energia elétrica, as pessoas não eram menos felizes, pois o conforto trazido pela eletricidade não era conhecido. A partir do momento que a maioria passou a ter acesso à energia elétrica, as pessoas se acostumaram e seu grau de felicidade ficou inalterado.

Conclui-se, portanto, que o dinheiro ajuda, mas não é tudo para a felicidade de uma pessoa. Nem um milionário será inteiramente feliz se não fizer a sua reforma interior, a revolução humana.

> A felicidade relativa é efêmera. E é por isso que devemos lutar incansavelmente para atingir a felicidade absoluta. (Tsunessaburo Makiguti)

Afirmar ou pensar que o *Gohonzon* é maravilhoso e absoluto quando tudo vai bem é fácil. A verdadeira fé está em manter esse mesmo sentimento quando a gente está por baixo.

Seguindo esse raciocínio, considero a minha fé nada especial; é uma fé comum. Admiro a fé mostrada pelas pessoas que, ao contrário de mim, perderam seus entes queridos e nem por isso deixaram de lutar em prol do *Kossen-rufu*. Sem dúvida alguma, elas são dignas de admiração pela sua fé verdadeira e extraordinária.

Gostaria, portanto, de contar a história do sr. Antônio Pedro Moraes Pereira, membro da Comunidade Pinhalense, Regional Pindamonhangaba, a mesma a que pertenço.

Com lágrimas nos olhos, o sr. Antônio começou a contar o seu relato:

Quando eu era moleque, o meu pai matou minha mãe e, depois de algum tempo, ele se suicidou. A tragédia na minha família continuou com a morte de meu irmão que se enforcou; e depois com a morte de outro irmão ao cair de asa delta. Em seguida, perdi um filho num acidente com um trator que caiu sobre ele matando-o instantaneamente. E a desgraça continuou.

Cerca de dez anos atrás, meu filho, que estava dirigindo, sofreu um grave acidente de carro e veio a falecer, juntamente com minha nora, uma cunhada e a minha esposa.

Não tinha mais razão para viver. A vida tinha se acabado para mim e resolvi dar um fim nela. Escrevi uma carta para os meus filhos, dois homens e cinco mulheres; e quando testava uma velha espingarda uma filha que mora em São Paulo, a Ana, apareceu subitamente em companhia de seu marido Márcio. Eles estavam praticando o Budismo de Nitiren Daishonin, já eram dirigentes, e tinham vindo fazer Chakubuku em mim. Vendo o meu estado de profunda depressão, resolveram me lavar para São Paulo onde participei de várias reuniões. Aprendi muito sobre o budismo e, após recitar muito Daimoku, a dor, a angústia e o desespero que eu sentia intensamente no meu coração foram se dissipando pouco a pouco.

É incrível, mas comecei a sorrir.

Decidi dar um basta na sucessão de mortes que assolava minha

Ishigami com Tob. (Novembro de 2006.) "Desfruto de uma condição de vida tranqüila e minha saúde é excelente. Ao recitar o Daimoku ao Gohonzon não cabe outro sentimento a não ser o meu espírito de gratidão."

família e cortar o mau carma pela raiz, pois não queria mais nenhuma desgraça para os familiares que restaram - os sete filhos e vários netos. Decidi também retomar a Santo Antônio do Pinhal para propagar este maravilhoso budismo.

Algum tempo depois, Ana e sua família vieram morar na minha cidade e isso foi fundamental para o desenvolvimento da organização local.

Fazia reunião de Chakubuku na minha humilde casa, que tinha apenas dois cômodos, cozinha e quarto. Começamos com a presença de uma pessoa, depois duas e, assim, sucessivamente foi aumentando o número de participantes, chegando a ponto de não caber mais gente nos dois ambientes.

Como o terreno permitia, resolvi construir uma sala para abrigar mais pessoas. E com muito esforço e luta consegui, com o dinheiro da aposentadoria que recebo, de um salário mínimo, erguer a sala. Com o tempo, a sala ficou pequena e tive de ampliá-la.

Nesse local é que fui convidado a fazer o meu relato de experiência e tive o imenso prazer de conhecer o sr. Antônio. Lá estavam presentes cerca de sessenta pessoas, a maioria sentada confortavelmente. Fiquei surpreso e envergonhado ao ver aquela bela sala, com um belo e grande oratório doado por um membro chamado Wanderson. Hoje, esse local é uma Sede Comunitária da cidade de Santo Antônio do Pinhal.

Diante da magnitude de seu relato, o meu passou a ser insignificante e pobre.

Tinha ido a Santo Antônio do Pinhal incentivar os companheiros de lá contando o meu relato, mas voltei incentivado. É assim mesmo, a gente vai orientar uma pessoa e volta orientado.

O sr. Antônio disse ainda: "Ana e sua família retomaram à Capital após criar vários valores em Santo Antônio do Pinhal, entre eles a Dinha, minha filha, e o meu genro Luis Antônio, que são atualmente responsáveis da Comunidade Pinhalense".

Ao me despedir naquele memorável noite, o sr. Antônio comentou: "Não sei se consegui cortar o mau carma, mas desde que comecei a praticar o *Nam-myoho-rengue-kyo* há dez anos, não aconteceu mais nenhuma tragédia em minha família", e sorriu.

Agradecimento

No processo de criação e elaboração de um livro várias pessoas são envolvidas. A presente obra, iniciada em meados do ano de 2004 e concluída em novembro de 2006, não é uma exceção à regra. Por isso, desejo manifestar os meus mais sinceros agradecimentos a todos os meus companheiros budistas que tornaram possível a publicação deste livro: Renato (meu filho), Fernanda dos Reis Pinheiro, Maria de Lourdes dos Santos, Leila Shimabukuro Otani, Júlio China e, principalmente, Getulino Kiyoshi Nakajima, vice-presidente da BSGI.

O meu muito obrigado também a todos os membros, dirigentes e líderes centrais da BSGI, que me incentivaram incansavelmente a sair da escuridão, ajudando-me a encontrar o caminho da felicidade. Sem vocês, esta obra não existiria.

Espero sinceramente que este livro venha a atingir o coração de inúmeras pessoas e contribua para a Paz Mundial, que é meu grande e único objetivo.

Minha eterna gratidão

O autor

Finalizo este livro citando a frase do romancve Revolução Humana, de autoria do presidente Ikeda:

> *A grandiosa revolução humana de uma única pessoa irá um dia impulsionar a mudança total do destino de um país e, além disso, será capaz de transformar o destino de toda a humanidade.*

Fazendo uma analogia, entendo isso da seguinte maneira: um único palito de fósforo será capaz de queimar toda a floresta.

Takashi ishigami

Glossário

Chakubuku: Ato de apresentar o Budismo Nitiren para as pessoas visando à sua felicidade.

Gongyo: Liturgia budista recitada diante do *Gohonzon* duas vezes ao dia, de manhã e à noite.

Gohonzon: Objeto de devoção do Budismo Nitiren. Incorpora a Lei Mística que permeia todos os fenômenos e possibilita a todas as pessoas atingir a iluminação por meio da fé.. O *Gohonzon* possui a forma de um mandala inscrito em pergaminho.

Gosho: Cartas, tratados filosóficos e outros escritos redigidos por Nitiren e endereçados a discípulos e autoridades da época. No Brasil esses textos estão reunidos na coletânea *Escritos de Nitiren Daishonin.*

Kossen-rufu: Normalmente traduzido como "paz Mundial".

Mappo: Era das incertezas e da impureza. Época na qual o Verdadeiro Budismo de Nitiren Daishonin florescerá em prol da felicidade de toda humanidade.

Nitiren Daishonin: Nitiren (1222-1283). Buda nascido no Japão que estabeleceu o Verdadeiro Budismo para a felicidade da humanidade. Daishonin é um título honorífico que significa "Grande Sábio".

Últimos Dias da Lei: O último dos três períodos subseqüentes ao falecimento do Buda Sakyamuni, quando o seu budismo entra em confusão e seus ensinos perdem o poder de conduzir as pessoas à iluminação.

Sansho Shima: Três obstáculos e quatro maldades. Vários obstáculos e adversidades que tentam impedir a prática budista. Um dos obstáculos é o desejo mundano.

Soka Gakkai: Literalmente, "Sociedade de Criação de Valores". Estabelecida no Japão em 1930 , por Tsunessaburo Makiguti (1871-1944), é composta por leigos budistas que professam a fé no Budismo Nitiren. Os ideais da organização foram herdados por Jossei Toda (1900-1958), discípulo de Makiguti, e Daisaku Ikeda (1928), discípulo de Toda. Em 1975, graças aos esforços de Daisaku Ikeda, foi fundada a Soka Gakkai Internacional da qual a organização brasileira faz parte. No Brasil a Associação Brasil-SGI foi estabelecida em 1960.

Bibliografia

As Escrituras de Nitiren Daishonin, volumes 1, 2, 3 e 4. São Paulo: Editora Brasil Seikyo Ltda, 1980.

Revista Terceira Civilização, edição n. 30. São Paulo: Editora Brasil Seikyo Ltda, 1993.

Os Escritos de Nitiren Daishonin, volumes 1, 2 e 3. São Paulo: Editora Brasil Seikyo Ltda, 2001.

Revista Terceira Civilização, edição n. 30. São Paulo: Editora Brasil Seikyo Ltda, 1993.